preleção

Dois assuntos fortes, duas possibilidades de capa. Assim começamos a edição de novembro. O primeiro assunto nasceu de uma observação do que acontece no Sul do país e vem se irradiando pelo resto do Brasil. A onda gaúcha no futebol, com o grande ano colorado na Libertadores e com os feitos gremistas pelo Brasileirão, merecia uma atenção especial. Mas não pela visão convencional, "puxa, que ano maravilhoso de Grêmio e Inter!". Não, tentamos captar um sentimento bem local, pelo ângulo da rivalidade. Qual das duas torcidas é mais feliz, quem tem mais farinha no saco? Fizemos uma espécie de desafio, um "Grenal emocional". Os resultados você confere a partir da página 58.

O outro assunto já não nasceu de forma tão natural. Resolvemos enfiar a mão em um vespeiro, num tema de que os personagens principais não gostam de falar e, ao mesmo tempo, interessa a muita gente. Quem são os jogadores mais bem pagos do Brasil? Fomos atrás de nossas fontes nos clubes e, num trabalho paciente e silencioso, conseguimos fazer um ranking dos salários. Os jogadores podem até não gostar da divulgação de seus rendimentos, só que vale lembrar que são os torcedores, em última análise, as verdadeiras fontes pagadoras, os verdadeiros patrões. Afinal, os salários do futebol vêm das rendas dos estádios, dos direitos de TV (que só existem porque há torcedores na frente da telinha), do seu bolso. E eles ganham muito? Antes de julgamentos apressados, dois lembretes. O primeiro é que os principais salários brasileiros estão menores, pelo menos em relação à última pesquisa da Placar, em 2000. Em segundo lugar, é preciso entender que estamos falando de artistas que dão espetáculo e geram riqueza. Se são bem remunerados é porque atraem torcedores e enchem os cofres dos clubes. Nada contra o talento, tudo a favor da competência de quem brilha no futebol brasileiro.

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Giancarlo Civita

Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Jose Roberto Guzzo

Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora de Publicidade Corporativa: Thaís Chede Soares B. Barreto

Diretor-Geral: Jairo Mendes Leal
Diretor Superintendente: Laurentino Gomes
Diretor de Núcleo: Alfredo Ogawa

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Redator Chefe: Arnaldo Ribeiro **Diretor de Arte:** Rodrigo Maroja **Editores:** Gian Oddi e Maurício Ribeiro de Barros **Editor de Arte:** Rogerio Andrade **Repórter Especial:** André Rizek **Repórter:** Paulo Tescarolo **Designer:** Antonio Carlos Castro **Coordenação:** Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Marco Aurélio **Colaboradores:** Alexandre Battibugli (editor de fotografia) e Renato Pizzutto (fotógrafo), Ramon E. Muniz (designer), Renato Bacci (revisor) **CTI:** Eduardo Blanco (chefe), Alexandre Ferreira, Fernando Batista, Julio Jonas, Leandro Alves, Luciano Neto e Marcelo Tavares

www.placar.com.br

Apoio Editorial: Beatriz de Cássia Mendes, Carlos Grassetti
Serviços editoriais: Wagner Barreira **Depto. de Documentação e Abril Press:** Grace de Souza **Correspondente Internacional:** Ruth de Aquino

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000, fax (11) 3037-5597 **PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores:** Marcos Peregrina Gomez, Mariane Ortiz, Robson Monte, Sandra Sampaio **Executivos de Negócios:** Eliani Prado, Letícia Di Lallo, Luciano Almeida, Marcello Almeida, Marcelo Cavalheiro, Marcia Soter, Nilo Bastos, Pedro Bonaldi, Sueli Cozza, Virginia Any, Vlamir Aderaldo, Willian Hagopian **PUBLICIDADE REGIONAL: Diretor:** Jacques Baisi Ricardo **PUBLICIDADE RIO DE JANEIRO: Diretor:** Paulo Renato Simões **PUBLICIDADE - NÚCLEO MOTOR ESPORTES: Gerente de Vendas de Publicidade:** Ivanilda Gadioli **Gerente Executivo de Negócios:** Sandra Moskovich **Executivos de Negócios:** Bruno de Paula; Caio Souza; Márcia Marini e Tatiana Castro Pinho **MARKETING E CIRCULAÇÃO: Gerente de Marketing:** Fábio Luis **Gerente de Publicações:** Gabriela Nunes **Analista de Publicações:** Marina Pires **Assistentes:** Barbara Robles e Maira Prioli **Gerente de Eventos:** Fabiana Trevisan **Assistente:** Gabriela Freua **Gerente de Projetos Especiais:** Gabriela Yamaguchi **Gerente de Circulação Avulsas:** Mauricio Paiva **Gerente de Circulação Assinaturas:** Euvaldo Nadir Lima Junior **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES: Diretor:** Auro Iasi **Gerente:** Cheng Chuan **Analista:** Tales Bombicini **Processos:** Renato Rosante e Eduardo Andrade **ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávalos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

Publicidade São Paulo www.publiabril.com.br, **Classificados** tel. 0800-7012066, Grande São Paulo tel. 3037-2700 **ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL:** Central-SP tel. (11) 3037-6564 **Bauru** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (14) 3227-0378, e-mail: gnottos@gnottosmidia.com.br **Belém** Midiasolution Belém, tel. (91) 3222-2303, email: simone@midiasolution.net **Belo Horizonte** tel. (31) 3282-0630, fax (31) 3282-0632 **Blumenau** M. Marchi Representações, tel. (47) 3329-3820, fax (47) 3329-6191 **Brasília** Escritório: tels. (61) 3315-7554/55/56/57, fax (61) 3315-7558; Representante: Carvalhaw Marketing Ltda., tels (61) 3426-7342/ 3223-0736/ 3225-2946/ 3223-7778, fax (61) 3321-1943, e-mail: starmkt@uol.com.br **Campinas** CZ Press Com. e Representações, telefax (19) 3233-7175, e-mail: czpress@czpress.com.br **Campo Grande** Josimar Promoções Artísticas Ltda. tel. (67) 3382-2139 e-mail: melissa.tamaciro@josimarpromocoes.com.br **Cuiabá** Agronegócios Representações Comerciais, tels. (65) 9235-7446/9602-3419, e-mail: lucianooliveir@uol.com.br **Curitiba** Escritório: tel. (41) 3250-8000/8030/8040/8050/8080, fax (41) 3252-7110; Representante: Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (41) 3234-1224, e-mail: viamidia@viamidiapr.com.br **Florianópolis** Interação Publicidade Ltda. tel. (48) 3232-1617, fax (48) 3232-1782, e-mail: fgorgonio@interacaoabril.com.br **Fortaleza** Midiasolution Repres. e Negoc. em Meios de Comunicação, telefax (85) 3264-3939, e-mail: midiasolution@midiasolution.net **Goiânia** Middle West Representações Ltda., tels.(62) 3215-5158, fax (62) 3215-9007, e-mail: publicidade@middlewest.com.br **Joinville** Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (47) 3433-2725, e-mail: viamidiajoinville@viamidiapr.com.br **Manaus** Paper Comunicações, telefax (92) 3656-7588, e-mail: paper@internext.com.br **Maringá** Atitude de Comunicação e Representação, telefax (44) 3028-6969, e-mail: m.atitude@uol.com.br **Porto Alegre** Escritório: tel. (51) 3327-2850, fax (51) 3227-2855; Representante: Print Sul Veículos de Comunicação Ltda., telefax (51) 3328-1344/3823/4954, e-mail: ricardo@printsul.com.br; Multimeios Representações Comerciais, tel.(51) 3328-1271, e-mail: multimeiosrepco@uol.com.br **Recife** MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax (81) 3327-1597, e-mail: multirevistas@uol.com.br **Ribeirão Preto** tel. (16) 3964-5516, fax (16) 632-0660, e-mail: achrisostomo@abril.com.br **Rio de Janeiro** pabx: (21) 2546-8282, fax (21) 2546-8253 **Salvador** AGMN Consultoria Public. e Representação, tel.(71) 3341-4992/1765/9824/9827, fax: (71) 3341-4996, e-mail: abrilagm@uol.com.br **Vitória** ZMR - Zambra Marketing Representações, tel. (27) 3315-6952, e-mail: samuelzambrano@intervip.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais **Negócios e Tecnologia:** Exame, Info, Info Canal, Info Corporate, Você S/A **Núcleo Consumo:** Boa Forma, Elle, Estilo, Manequim **Núcleo Comportamento:** Ana Maria, Claudia, Nova, Faça e Venda, Viva! Mais **Núcleo Bem-Estar:** Bons Fluidos, Saúde!, Vida Simples **Núcleo Jovem:** Bizz, Capricho, Mundo Estranho, Superinteressante **Núcleo Infantil:** Atividades, Disney, Recreio **Núcleo Cultura:** Almanaque Abril, Aventuras na História, Bravo, Guia do Estudante **Núcleo Homem:** Men's Health, Playboy, Vip **Núcleo Casa e Construção:** Arquitetura e Construção, Casa Claudia, Claudia Cozinha **Núcleo Celebridades:** Contigo!, Minha Novela, Tititi **Núcleo Motor Esportes:** Placar, Quatro Rodas **Núcleo Turismo:** Guias Quatro Rodas, National Geographic, Viagem e Turismo **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR nº 1300 (ISSN 0104-1762), ano 36, novembro de 2006, é uma publicação mensal da Editora Abril **Edições anteriores:** venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 5087-2112
Demais localidades: 0800-704-2112 www.abrilsac.com
Para assinar: Grande São Paulo: 3347-2121
Demais localidades: 0800-701-2828 www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

Presidente do Conselho de Administração e Presidente Executivo: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Giancarlo Civita
Vice-Presidentes: Deborah Wright, Eliane Lustosa, Marcio Ogliara, Valter Pasquini
www.abril.com.br

novembro 2006

Destaques

Sempre em Placar

“Parem com isso. Amoroso agora é craque? Mais um caso de jogador mediano, que vai e volta da Europa de seis em seis meses! Craque vai e faz história por lá.”

Não poderia deixar passar em branco, como santista, a capa da edição de outubro de 2006 em que aparecem Zé Roberto e Amoroso na capa. A combinação do uniforme do Zé Roberto não é utilizada pelo Santos, justamente por lembrar o uniforme do Corinthians. E vocês justamente o colocam na capa? Mesmo assim, reitero minha admiração pela revista, que está cada vez melhor, principalmente na seção de fotos e na reportagem com o volante Emerson.

Daniel, bem sabemos que quem gosta de dar explicação é porteiro. Mas vamos lá. A sessão de fotos estava combinada e o tempo dos jogadores era curto. Zé Roberto ficou de vir uniformizado. E não é que veio com o calção trocado?

Sou leitor da Placar já faz um bom tempo e acho que nunca havia visto um favorecimento como o que aconteceu em relação ao Rogério Ceni e a nota 10 que ele recebeu no jogo contra o Cruzeiro, no Mineirão. Antes de mais nada, vamos deixar bem claro, sou colorado, torcedor do Internacional. Para “justificar” a nota 10, vocês falaram que ele defendeu um pênalti, marcou dois gols e, além disso, bateu o recorde do Chilavert e fez um gol de “bola rolando”. Bravo, ótimo, excelente. Sendo um goleiro que faz isso, então, realmente digno de aplausos. Mas ele também sofreu dois gols. Então, se o que ele fez é digno de uma nota 10, lembrei do Danilo, do meu Inter, em 2004. Ele, ao arrasar o Atlético-PR no Beira-Rio, fazendo quatro gols, dando o passe para o quinto e sofrendo o pênalti do sexto, mereceria uma nota 11 ou 12. Por isso que os times do “eixo” se aproximam tanto do Inter no Ranking da Bola de Prata.

Pois é, Eduardo, as notas da Bola de Prata sempre geram polêmica por ser uma avaliação subjetiva. Mas na sua própria descrição dos feitos de Ceni ele já mereceria um 10, não? E, de fato, Danilo jogou muito naquela partida do Inter.

Gostaria que vocês me dissessem o que o Morais, do Vasco, precisa fazer para aparecer na Bola de Prata. O cara está jogando um bolão.

Tendo recebido vários e-mails com o conteúdo da matéria elogiosa ao “dom” Juan Figer (Placar de Outubro), venho por ofício da alma esclarecer que, se hoje tenho algumas atribuições com o atleta Amoroso, essas se devem ao compromisso a mim passado pelo próprio dom Juan. Na década de 90, fui convidado pelo ex-presidente do Guarani, Beto Zini, e pelo Juan Figer, para organizar e solucionar o problema da lesão do Amoroso. Assim ele superou sua mais grave lesão. Quando montamos um sistema de escritório aberto, ou seja, o Amoroso’s Office no Brasil, temos possibilitado qualquer indicação e conversação com qualquer agente, oficial da Fifa ou não. É óbvio que esse sistema independente não pode agradar a todos.

★ Fale com a gente

Olha, Lucas, basicamente porque seria como misturar laranjas com bananas e melancias. Até a criação do Campeonato Brasileiro, em 1971, não existia oficialmente um campeão nacional de clubes. O Brasileirão, com todos os seus defeitos, casuísmos e arranjos, realmente foi a primeira competição que se pode chamar de nacional. A Taça Brasil, que aconteceu de 1959 a 1968, era uma espécie de Copa do Brasil, reunindo campeões estaduais que se enfrentavam por regiões. Paulistas e cariocas entravam apenas na reta decisiva, mais especificamente nas semifinais. O Torneio Roberto Gomes Pedrosa, popular Robertão, que aconteceu de 1967 a 1970, era um Rio-São Paulo turbinado pela presença dos grandes de Minas e do Rio Grande do Sul. Também não tem representatividade suficiente para ser chamado de competição nacional. Juntar tudo na mesma cesta não é exatamente justo, mas vamos lá, façamos nossa salada de frutas. O ranking dos campeões, somando Taça Brasil, Robertão e Campeonato Brasileiro, ficaria assim:

Eis uma conta curiosa, Piter. O Brasil venceu sete vezes o Mundial (São Paulo em 1992/93 e 2005; Santos em 1962/63; Flamengo em 1980 e Grêmio em 1983) e oito brasileiros já receberam o prêmio de melhor jogador em campo. Vale lembrar que apenas em 1980 o Mundial passou a ser decidido em um só jogo no Japão (antes eram dois jogos na Europa e América do Sul) e o prêmio foi instituído. Portanto, não adiantou nada Pelé e sua turma gastarem a bola nos anos 60, pois não havia carro em jogo. Os primeiros brasileiros a levarem um Toyota para casa foram Zico e Nunes em 1980, quando destruíram o Liverpool com um 3 x 0. Foi a única vez que a organização premiou dois atletas no mesmo ano. No ano seguinte, o ex-colorado Jair, que atuava pelo Peñarol, levou o carro e armou um salseiro. Seus companheiros uruguaios esperavam que ele dividisse a premiação com o grupo. Jair não deu bola para os protestos e saiu “motorizado” do Estádio Nacional. Em 1983, foi o gremista Renato Gaúcho, com seus dois gols contra o Hamburgo, o melhor em campo. Foram quase dez anos sem brasileiros laureados e apenas em 1992 um brasileiro, no caso Raí, teve a honra de ganhar o carro. O também são-paulino Toninho Cerezo venceu em 1993 e Ronaldo foi, pelo Real Madrid, o destaque de 2002. Rogério Ceni, no ano passado, fechou o gol contra o Liverpool e levou a premiação. Será que o colorado Fernandão pode chegar lá em dezembro?

Vamos fazer melhor, Andréia. Até para efeito de comparação, vamos publicar as médias dos 20 clubes da Série A, além das do Bahia e Atlético-MG, como você pede. Estamos considerando o Campeonato Brasileiro de 1971 até 2005, até porque a média não muda muito em função do número reduzido de jogos desse ano em relação aos 35 anos anteriores.

Tapas
e beijos

Estilo Guerreiro

Asas nos pés

★ Personagem do mês | Romário

Cabelos brancos insistindo em brotar da cabeça, cara amarrada, um olhar sério por cima dos óculos de aro fino. O Romário das últimas semanas não sugere um quarentão rico e feliz, jogador bem-sucedido de múltiplos títulos e quase 1000 gols marcados na carreira. Pelo contrário, aparentemente o homem está em conflito. Não deve ser simples para o gênio do Barcelona, para o homem que ganhou uma Copa do Mundo quase sozinho, para o ídolo de Flamengo, Vasco e Fluminense ter que administrar a carreira que acaba. O noticiário recente relatou sua saída da Segundona norte-americana e a negociação para jogar na quase amadora Liga Australiana e no Tupi de Juiz de Fora (MG).

Não se sabe se a aparente irritação de Romário acontece mais pela clara decadência profissional ou pelas críticas que recebe da imprensa. "Romário já deveria ter parado", "o Baixinho está pisoteando sua própria biografia", "ele está obcecado em fazer os 1000 gols" são algumas das sentenças que saem todos os dias. De fato, Romário poderia ter parado na alta. Teve algumas chances. Em 2000, pelo Vasco da Gama, quando foi campeão brasileiro e destaque do time. Em 2002, quando foi pelo Fluminense o goleador do ano no Brasil, o Chuteira de Ouro da Placar. E até no ano passado, já com 40 anos, ao conseguir a façanha de ser o artilheiro do Campeonato Brasileiro vestindo de novo a camisa do Vasco. Boas oportunidades de parar no topo, de lustrar uma biografia já brilhante.

Mas Romário não parou. Muitos disseram que pela loucura dos 1000 gols. Poucos se colocaram no lugar do Baixinho para experimentar a sensação de, um belo dia, ter de renunciar à adulação diária, ao dinheiro. Porque mesmo que o Romário de 2006 fisicamente seja um fantasma do que foi, ainda há muita gente querendo pagar para ver.

Imagine-se você, profissional de qualquer área, recusando ofertas tentadoras. Você, que é arquiteto e sabe que não tem a mesma criatividade da juventude. Mesmo assim, alguém quer seus projetos. Você, que é médico e reconhece não estar mais atualizado com as novas técnicas e terapias. Mesmo assim, há pacientes na porta do seu consultório querendo consultas. Como se aposentar se tem gente batendo à sua porta, requisitando seus serviços?

O ex-tenista e hoje capitão da equipe brasileira na Copa Davis, Fernando Meligeni, dia desses, esteve no programa *Bem Amigos*, do Sportv. Fininho deu uma leve ensaboada nos jornalistas presentes ao falar de Gustavo Kuerten e da pressão que existe para o catarinense pendurar as raquetes: "Quem somos nós para saber a hora dele parar? É ele quem rala na fisioterapia, é ele quem sabe quando os prejuízos do esporte serão maiores que os benefícios. Guga deu muitas glórias ao esporte brasileiro, deixem ele em paz, deixem ele tomar uma decisão que é fundamentalmente individual". Pois Romário, de certa forma, vive a mesma situação de Guga. Deixem o Baixinho em paz!

Antônio Carlos Simões, 60 anos, já foi jogador de futebol de carreira modesta, técnico da seleção brasileira de handebol e preparador físico de basquete. Hoje é professor titular da Faculdade de Educação Física da USP, além de pedagogo e bacharel em psicologia. Simões criou o "Método ACS", que leva suas iniciais, para avaliar e fazer um diagnóstico psicológico de equipes esportivas. Conheça alguns detalhes:

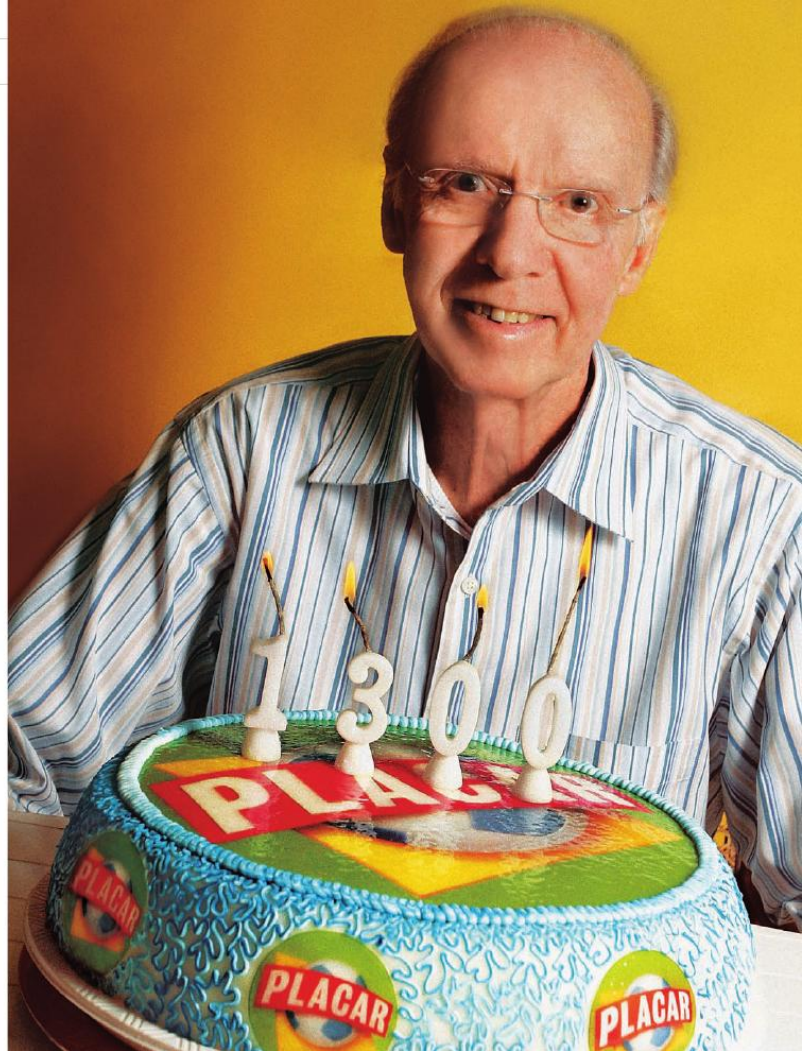
O homem mais irado da cidade

De vice-artilheiro do Brasil a deputado estadual pelo Pará em menos de um ano. O ex-atacante do Paysandu Robgol foi eleito com 33 400 votos e muita canseira. "Tinha dias em que eu acordava 7 da manhã para fazer caminhadas e só ia dormir 2 da madrugada, depois de muitas reuniões. Fazer política é muito mais difícil que jogar futebol", diz o ex-jogador, votado em 99 dos 143 municípios paraenses.

Os números surpreenderam seu partido, o PTB, que esperava 25 000 votos na mais otimista das previsões. "Devo isso à torcida do Paysandu. Mas acho que alguns torcedores do Remo e da Tuna, mesmo que uma minoria, também votaram em mim", diz o novo parlamentar.

Foram 100 jogos, 57 gols e dois títulos estaduais pelo Papão. Como deputado, Robgol não pretende deixar o clube de lado. Promete apresentar projetos para o Paysandu: "Por enquanto é tudo segredo. Ainda estou amadurecendo as idéias". No mais, sua plataforma não foge daquela escolhida por nove entre dez boleiros-políticos. "Quero incentivar o esporte nas escolas e ajudar a criançada."

Dicionário da bola

Placar traduz os novos e velhos vocábulos do futebol

Está colocado o impasse: a Confederação Norte, Centroamericana e do Caribe de Futebol (Concacaf) e a Organização Desportiva Pan-Americana (Odepa) querem que seleções sub-23 representem seus países nos Jogos Pan-Americanos de 2007, em julho, no Rio de Janeiro. Mas a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) argumenta que isso atrapalharia os campeonatos nacionais e bate o pé pela escolha da categoria sub-17. No meio da briga está o Comitê Organizador do Pan (Co-Rio), temeroso de que o futebol possa ser excluído do evento. "A gente está na expectativa de uma decisão, para fazer uma programação completa para o ano que vem. Independentemente da categoria, vamos estar preparados", garante o ex-lateral Branco, coordenador de seleções de base da CBF. Na última edição, em Santo Domingo, na República Dominicana, a bola esteve com as seleções sub-20, num meio-termo que não atrapalha tanto os campeonatos profissionais nem dá uma imagem juvenil demais à competição. Mas a categoria disputará seu Mundial, em 2007, justamente entre os dias 30 de junho e 22 de julho, coincidindo com o calendário do Pan.

Além de agradar à Conmebol, a idéia de usar a seleção sub-17 se encaixa no calendário esportivo do ano que vem. Afinal, a categoria disputará o Sul-Americano entre março e abril, no Equador, e o Mundial em agosto, na Coréia do Sul. Poderá usar a primeira competição como preparatório para o Pan, e o Pan para se preparar para a segunda. O atual técnico é Edgar Pereira.

Na última edição dos Jogos Pan-Americanos, em Santo Domingo (República Dominicana), o Brasil perdeu a partida final para a Argentina por 1 x 0 e ficou com a medalha de prata.

Foram mais de 1 000 e-mails à redação da Placar com listas e mais listas. Todas tentando decifrar os 50 times escondidos na cena acima, publicada na edição de agosto da revista. E não foram poucos os que bateram na trave: 49 na mosca e... uma na água. E morriam na praia. Mas bastou uma dica na edição passada (são 30 clubes brasileiros e 20 estrangeiros na cena) para aparecerem os sabichões. Os fanáticos aí embaixo foram os três primeiros leitores que cravaram corretamente os nomes dos 50 times e ganharam um superprêmio da Placar. Ao lado, veja o gabarito da promoção.

★ Veja aqui quais são os 50 clubes

Tenho, há décadas, cultuado de forma obsessiva a memória do futebol. Primeiro na Jovem Pan, depois no *Gol, o Grande Momento* da Band, no então *Diário Popular*, na emocionante seção "Que Fim Levou" do site www.miltonneves.com.br, no *Agora São Paulo* e, desde 2001, na Rede Record de Televisão. E Placar prepara a "Galeria de Fotos" em branco-e-preto, de meu acervo. Adoro o chamado "jogador velho". É uma questão de gratidão. É que eles, jogadores de ontem, no geral, deram um norte à minha vida.

Lá pelos anos 60, eu estava perdidinho da silva, sem ânimo, rumo, orientação, perspectiva ou sonho, qualquer que fosse. Aí, em minha vida pintou o rádio esportivo, que passei a ouvir freneticamente para torcer pelo time do... Pagão! Adorava ouvir Geraldo José de Almeida, na Rádio Record, dizer "mata no peito, baixa na terra, lá vai Pagão..." Como Pagão era do Santos, virei santista e botei na cabeça que tinha que trabalhar um dia no rádio esportivo de São Paulo na... Rádio Bandeirantes! E fui trabalhar lá com o Fiori Giglioti, meu ídolo maior desde Muzambinho.

Além de tudo, o ex-goleiro Leão atingiu no banco de reservas quase o mesmo alto patamar alcançado com a camisa 1. E isso mesmo sem entender patavina de tática de futebol, como diz Luxemburgo

Mas e daí? Daí que tenho tido muito, mas muito contato mesmo com os jogadores de ontem, meus heróis. E só tenho recebido má notícia. É jogador que morreu pobre, que está pobre, que abandonou a família, que foi abandonado por ela e até que nem família tem ou teve. São doídas realidades.

Mas realidades que passam longe de Emerson Leão, esse monumental ex-goleiro da seleção brasileira, Palmeiras, Vasco, Grêmio, Corinthians e Sport. Bem-sucedido, inteligente, rico, bom marido, bom pai, bela família, confortável patrimônio, ótimo nível social e medíocre nível cultural, Leão é o protótipo do atleta que soube aproveitar em 110% o que obteve levando boladas e a antítese da situação sociofinanceira que caracteriza 99% dos boleiros de ontem.

E, além de tudo, o ex-goleiro Leão conseguiu outra proeza: atingiu no banco de reservas, como técnico, quase o mesmo alto patamar alcançado com a camisa 1 de tantos e tantos times. E isso mesmo sem entender patavina de tática de futebol, como diz abertamente Vanderlei Luxemburgo. Então, pergunta-se, como alguém tão vitorioso pode ser tão cruel, egoísta, ranzinza, mal-educado, nervoso, ditatorial, obsessivo, pretensioso, desrespeitoso e até desequilibrado com árbitros, jogadores e repórteres que têm que conviver com ele no dia-a-dia do futebol? Esses não deveriam ser momentos tão doces na vida de alguém que, com tanta luta e dedicação, extraiu exatamente do futebol tantas vitórias e seus sólidos alicerces pessoais?

Que Leão reflita e veja em cada profissional que hoje o cerca o reflexo daqueles que o conheceram menino e que o receberam em São José dos Campos, Ribeirão Preto e no Parque Antártica, a partir de 1968. Ah, se o Leão gostasse de todos os profissionais de hoje tanto quanto gosto dos jogadores de ontem... Mais do que educação, trata-se de uma questão de gratidão. E gratidão não é a primeira virtude do homem e base de todas as demais?

Nos últimos anos o futebol tem deixado seus torcedores desconfiados. Árbitros arranjando resultados na Alemanha e no Brasil, dirigentes aliciando juízes na Itália e, agora, técnicos indicando e escalando jogadores por algo além de suas qualidades na Inglaterra. O escândalo está só começando a vir à tona. Por seis meses, a Federação Inglesa investigou 362 transferências de clubes da primeira divisão e estendeu o prazo para analisar 39 em que há suspeita de que técnicos ou dirigentes levaram dinheiro nas negociações. Quase todos os nomes têm sido mantidos em sigilo, mas ao menos um manager tem muito o que explicar.

Sam Allardyce, 52 anos, é técnico do Bolton desde 1999 e já esteve perto de assumir a seleção inglesa. Conhecido como Big Sam, era querido por jogadores, respeitado por torcedores e até há pouco tempo escrevia na revista *FourFour Two*. Toda a reputação veio abaixo na noite de 19 de setembro, quando o programa *Panorama*, da BBC, mostrou gravações escondidas em que quatro agentes de futebol citaram Allardyce como um técnico que "gosta de negócios". Um deles era seu filho, Craig. "As pessoas me ligam pensando: 'vamos encaixá-lo *[o jogador]* no Bolton'. Falam como se eu fosse o chefe dos olheiros. Assim que eu tenho um contato, se é um bom contato, falo com meu pai. Temos feito vários acordos", afirmava Craig. Um outro agente chama-se Teni Yerima, ex-jogador camaronês com participação em negociações de mais de 50 atletas. Teni citou vários técnicos com quem negocia da mesma maneira, mas a BBC não divulgou seus nomes por não ter encontrado evidências. Não foi o caso de Allardyce. "Sam é ótimo, gosta de fazer negócios. Se você fizer um acordo com ele, oferece algo de volta. Mas não na frente de todos. Dentro da sua comissão na negociação, onde seriam 100 000 libras, inclui 130 000 ou 150 000. E aí, ele pega a diferença dele. Você continua com seus 100 000, mas os 30 000 ou 50 000 são dele", conta.

Os agentes fizeram as revelações ao alemão Knut auf dem Berge, técnico de futebol e olheiro profissional que colaborou com a BBC com uma câmera escondida, usando seus contatos no meio para fazer acreditar que trabalhava para um investidor querendo entrar no futebol inglês. Por duas vezes Knut esteve a ponto de ser descoberto com seguranças checando sua roupa. Um dos empresários, Charles Collymore, chegou a brincar: "Eu podia acabar num desses programas de TV, tipo *Crimewatch*".

Sam Allardyce, assim como os agentes, nega as acusações e ameaça processar a BBC. Craig disse que exagerou na sua importância para impressionar Knut auf dem Berge. As investigações estão a cargo do lorde John Stevens, que também comanda um inquérito sobre a morte da princesa Diana e tem se negado a dar informações sobre clubes ou treinadores na mira. Mas admite que são oito as equipes envolvidas nas negociações sob suspeita. Num primeiro momento, os tablóides citaram que o Chelsea estaria na lista. Mas o sensacionalista *News of the World* (do qual o lorde Stevens é colunista) publicou o nome dos oito clubes, deixando fora o Chelsea. Além do Bolton, segundo o jornal, estão na lista Liverpool, Middlesbrough, Newcastle, Portsmouth, Birmingham, Southampton e West Bromwich.

Os técnicos dos grandes clubes têm procurado não se envolver. Os outros dividem-se entre os que criticam a investigação e os que dizem que ela será benéfica. "O que mais as pessoas querem para se dar conta de que existe algo sério acontecendo?", diz Mike Newell, treinador do Luton, da segunda divisão, e um dos responsáveis pela abertura do inquérito pela Federação Inglesa por ter denunciado que empresários e um diretor de outro clube lhe ofereceram dinheiro para facilitar negociações.

Mas é entre os agentes que o assunto causa mais polêmica. Dos 150 a quem o lorde Stevens pediu informações, só 65 responderam. "O jogo é corrupto e precisa ser investigado. Eu diria que 80% dos negócios feitos no futebol inglês envolvem propinas", diz o ex-empresário Stephen Noel-Hill. "Precisamos deixar claro que é meia dúzia de casos. O público pensa que essa é a regra, mas não é", rebate Sky Andrew, agente de jogadores como o zagueiro Sol Campbell.

A imprensa inglesa, que deu grande cobertura ao escândalo na Itália, não tem colaborado muito. À exceção dos tablóides, as revelações não fizeram eco. Pelo contrário, colunistas de jornais como o *Times* e o *Guardian* chegaram a criticar a BBC. "Muitos temem perder acesso aos clubes, como aconteceu com a Sky Sports, que entrevistou Allardyce e perguntou a ele sobre as denúncias, um tema considerado proibido", diz Steve Menary, colaborador da revista *When Saturday Comes* — exceção que expôs o tema em sua capa *(ao lado)*.

O resultado final das investigações deve ser divulgado no fim de novembro. E, se comprovadas as denúncias, será difícil acreditar que se trata de um fenômeno exclusivo da Inglaterra. Afinal, os empresários envolvidos no escândalo não atuam só por lá.

★ Sob suspeita — Os principais envolvidos nas investigações

SAM ALLARDYCE

HARRY REDKNAPP

KEVIN BOND

CRAIG ALLARDYCE

FRANK ARNESEN

PINI ZAHAVI

TENI YERIMA

PETER HARRISON

CHARLES COLLYMORE

▲ SOBE

▼ DESCE

Dublê de guru e escritor de sucesso, Paulo Coelho ganhou mais um fã. O sisudo goleiro Oliver Kahn revelou que encontrou conforto nas páginas do livro *Diário de um Mago* para superar a frustração de ser reserva na Copa e escolheu o brasileiro para entrevistar numa edição do talk-show *Was Erlauben? Strunz!*, do canal alemão N24. Antes da Copa, Kahn havia prometido ao apresentador Claus Strunz que faria a entrevista do centésimo programa, caso a Alemanha não fosse campeã. A aposta foi paga no apartamento do escritor, em Paris, que rendeu um bate-bapo com ares de divã. "O livro fala sobre encontrar novos rumos e me ajudou bastante a refletir. Pela primeira vez, vi a Copa por uma outra perspectiva. Ou ficava frustrado ou tentava fazer algo positivo para ajudar minha seleção", recordou Kahn, justificando a escolha do convidado, antes de fazer graça. "Durante a Copa, tive bastante tempo de ler."

Na entrevista, Coelho recomendou que Kahn fizesse o Caminho de Santiago, tema central do livro *Diário de um Mago*, para ajudar a encontrar novos caminhos. "Quando li o livro, pensei como seria se seguisse aquela rota. Mas, com todos os torneios que disputo, seria difícil encontrar tempo", disse Khan.

Tamanha cumplicidade entre os dois permitiu até uma alfinetada do escritor no fim do programa: "Fico feliz que você leia os meus livros, e confesso que sou um fã seu. Mas tenho que admitir que torci muito para que você levasse aqueles gols do Ronaldo na final da Copa de 2002", disse. Kahn, envergonhado, sorriu amarelo.

Deutschland

Três meses após a Copa do Mundo, a febre de bola vivida pela Alemanha continua em alta. Registro dos bastidores da seleção de Jürgen Klinsmann durante o Mundial, o documentário *Deutschland — Ein Sommermärchen* (Alemanha – Um conto de verão) repete, no cinema, o sucesso dos seus protagonistas. Planejado inicialmente para ser um especial de TV, o documentário foi visto, na semana de estréia, por mais de 1 milhão de pessoas em 600 salas espalhadas pelo país — número recorde para um filme do gênero.

Inspirada no documentário *Les Yeux dans les Bleus*, que mostra os bastidores do título francês da Copa de 1998, a fita é dirigida por Sönke Wortmann, ex-jogador de futebol que filmou o drama *O Milagre de Berna*, que tem como pano de fundo a vitória alemã na Copa de 1954. *Deutschland – Ein Sommermärchen* mostra desde a pré-temporada da equipe na Sardenha até a festa de despedida em Berlim, um dia depois da conquista do terceiro lugar na Copa. Durante sete semanas, Wortmann trabalhou praticamente como um integrante da comissão técnica e recebeu até a missão de fazer vídeos motivacionais para os jogadores.

Tamanha intimidade com a seleção garante ao filme momentos inusitados, que passam longe da correção política: Klinsmann usa rivalidades históricas e palavras pouco sutis em suas preleções. "Temos que encurralá-los contra a parede e esmagá-los! Ainda mais contra a Polônia!", esbraveja o técnico durante um treino. Oliver Kahn fala com frustração sobre a reserva, enquanto o titular Lehmann mostra para a câmera a "cola" com o jeito de cobrar pênaltis dos argentinos. Já o então auxiliar-técnico Joachim Löw, hoje sucessor de Klinsmann, mostra-se o responsável por toda a parte tática, enquanto o ex-atacante funciona mais como um grande motivador.

No entanto, a desenvoltura de Wortmann pelos bastidores da seleção responde também por um filme sem rusgas. Focado nos jogadores e sem dar trela ao que acontecia fora da concentração, *Deutschland* é um retrato inofensivo e simpático sobre a ascensão e manias dos novos queridinhos da Alemanha. Por enquanto, não chegou a nenhuma TV por assinatura no Brasil.

★ Que país é esse Austrália

"No atual estágio inicial de desenvolvimento como um esporte de entretenimento de massa, o futebol precisa de segurança e sustentabilidade." A frase pode soar absurda, mas retrata bem o panorama do esporte mais popular do planeta. Na Austrália. Quem a declarou foi Frank Lowy, um dos três homens mais ricos do país, dono da maior cadeia de shopping centers do mundo e presidente da Football Federation Australia, criada em 2003 para revolucionar o futebol na terra dos cangurus. O bom desempenho da seleção australiana na Copa do Mundo ajudou nesse sentido, mas não foi tudo. A A-League, renovado campeonato nacional, abriu em grande estilo sua segunda temporada, em agosto.

Um dos times, o Melbourne Victory, mandou um olheiro ao Brasil. Ele voltou com dois contratos assinados — com o lateral Alessandro, ex-Inter-RS, e com o atacante Claudinho, ex-Atlético-PR, que se juntaram ao meia Fred, ex-América-MG. Na segunda rodada e com os três em campo, o Melbourne recebeu o Sydney FC, atual campeão, e o clássico entre os times das maiores cidades do país levou 40 000 pessoas ao estádio, recorde do torneio. O time da casa venceu: 3 x 2, em um jogo dramático. Na manhã seguinte, os jornais destacaram o evento em suas capas e, fato só visto na Copa, o esporte da bola redonda era o mais comentado nas ruas. Semanas depois, outra equipe, o Adelaide United, que já tinha o atacante Fernando, ex-Palmeiras e Juventude, surpreendeu a todos ao anunciar a contratação de Romário, que jogará como convidado por quatro rodadas.

Ao contrário da maioria do planeta, onde já nasceu popular, o futebol na Austrália, até 2003, era para minorias. Os times da primeira divisão eram ligados a comunidades de imigrantes europeus. Havia o time dos italianos de Sydney, o dos gregos de Melbourne, e por aí vai. Os principais estádios do país são campos de críquete e, nos parques, o que mais se vê são quadras de tênis e campos de golfe. Quando o assunto é dinheiro, as vendas de camisas e contratos de TV vão quase todos para o rúgbi e para o código nativo do futebol, conhecido como Aussie Rules, que é uma estranha e muitas vezes violenta mistura de rúgbi com futebol, jogado também com a bola oval.

Mas a Austrália era um mercado potencial muito grande para ficar de fora da estratégia de expansão da Fifa. Em 2003, decretou-se o fim dos campeonatos em vigor e todos os times foram rebaixados para ligas locais. Nasceu um novo futebol, moderno e voltado aos negócios. Slogans como "the world game" (o jogo mundial) e "the beautiful game" (o jogo bonito) passaram a ser repetidos. E Lowy, um bem relacionado bilionário, assumiu a empreitada. Foi aberta uma licitação para a criação dos times que disputariam a A-League, e oito equipes nasceram. Muito dinheiro foi injetado por investidores e patrocinadores, e o primeiro campeonato, 2005-06, teve recepção bem acima da esperada.

Agora, após a aventura dos Socceroos até as oitavas-de-final da Copa, a estratégia começou a decolar. Assinado em julho, o novo acordo de mídia, envolvendo a A-League e os jogos da seleção australiana, renderá 120 milhões de dólares australianos (cerca de 200 milhões de reais) aos cofres da FFA em sete anos. O dinheiro será, em grande parte, repassado aos clubes, que conseguem assim trazer melhores jogadores e manter as jovens revelações australianas, que antes abandonavam o país para jogar na terceira divisão inglesa ou escocesa. Assim, os times de maior sucesso no ano passado, como Sydney e Queensland, venderam o dobro de carnês anuais para os torcedores e muitos jogos passaram a ser transferidos de estádios pequenos para alguns dos grandes palcos, como no clássico entre Sydney e Melbourne. Em vez de ficar restrito a jovens filhos ou netos de imigrantes, agora são as crianças, que antes só jogavam futebol no videogame, a ocupar as arquibancadas. E as escolinhas do esporte estão sem vagas desde o fim da Copa.

Já os brasileiros, que chegaram como astros, têm sentido a mesma dificuldade que grandes seleções sentiram ao enfrentar os australianos no Mundial. Na base da força e do preparo físico, é verdade, os australianos impõem um estilo de jogo aguerrido e a leveza dos brazucas entrou em fase de adaptação. Claudinho e Alessandro foram parar no banco de reservas. Fred agrediu um adversário e levou três jogos de suspensão. Ainda assim, a atuação do trio e a participação especial de Romário despertam grande expectativa de diversão para o espetáculo que encanta cada vez mais australianos.

OS DONOS DA BOLADA

A lista dos jogadores mais bem pagos do Brasil tem um líder que ganha como astro europeu, tem quem mal entra em campo e, claro, tem ídolos. Placar explica a lógica das contratações, comparando o mercado da Europa com essas exceções entre a baixa média salarial do país

POR **LÉDIO CARMONA** E **GIAN ODDI**

DESIGN RODRIGO MAROJA **ILUSTRAÇÕES** NEWTON VERLANGIERI

Dois jogadores do Santos recebem por mês o que todo o departamento de futebol vascaíno desembolsa para manter seu time. A soma é mais ou menos esta: Zé Roberto + Maldonado = 25 jogadores do Vasco. Enquanto toda a folha salarial do clube de São Januário não passa de 600 000 reais, as duas estrelas santistas, juntas, embolsam um pouco mais do que isso. Um esdrúxulo detalhe do desequilíbrio econômico ainda vigente no futebol brasileiro.

Ao levantar a lista dos jogadores mais bem remunerados do futebol brasileiro, Placar comparou os valores com os salários da maioria da massa boleira do país, infinitamente menos privilegiada, com o mundo encantado dos euros e das libras (podemos concorrer com os europeus?) e até mesmo com a fortuna amealhada por esportistas de outras modalidades.

Começando pela terceira comparação, aliás, pode-se concluir que os salários dos nossos top de linha não são assim tão absurdos para os astros do esporte mais popular do planeta que atuam no único país pentacampeão do mundo. Um exemplo: Mike Tyson, em sua fase mais profícua de bofetadas, ganhava 30 milhões de dólares para nocautear sparrings e arrancar pedaços de orelha; por ano, fora os contratos publicitários, faturava mais de 100 milhões de dólares. Outro: só em 2005, o golfista Tiger Woods recebeu 87 milhões de dólares. Aliás, a lista de esportistas que superaram os 20 milhões de dólares (mais de 40 milhões de reais) de rendimento no ano passado, segundo a revista norte-americana *Forbes*, tem 20 nomes entre pilotos, golfistas, jogadores de tênis, de futebol americano, basquete e futebol. No Brasil, ninguém chega nem a um sétimo desse valor.

CAINDO NO REAL

É evidente que o mercado econômico do futebol brasileiro é bem diferente. Hoje, os clubes com as folhas salariais mais arrebatadoras do país são o Santos, que ainda torra os mais de 40 milhões de dólares recebidos com as vendas de Robinho, Diego, Léo e Elano; o Corinthians, escorado pela (ainda) parceira MSI; o Fluminense, bancado pela Unimed; e, com bem mais rigor, o São Paulo. Nas demais equipes, os pés já estiveram mais longe do chão que nos dias de hoje.

"No São Paulo temos uma política com vários níveis de faixa salarial, de acordo com o status do jogador. Outros clubes também fazem isso, e são justamente aqueles que em geral vão bem nos campeonatos de pontos corridos, onde a organização é premiada", afirma o diretor de futebol do São Paulo, João Paulo de Jesus Lopes.

Com certa folga, o jogador mais bem remunerado do Brasil é Zé Roberto. O meia de 32 anos, um dos poucos a se salvar da vergonha da Copa da Alemanha, não conseguiu um clube que atendesse às suas exigências na Europa — o Bayern Munique não chegou a um acordo para a renovação — e aceitou voltar ao Brasil para jogar pelo Santos. O São Paulo chegou a assediá-lo, mas a oferta da Baixada foi imbatível. Por um contrato de dez meses, Zé Roberto recebe aproximadamente 500 000 reais mensais. Na verdade, um terço desse valor mensal foi entregue todo de uma vez ao jogador, antecipadamente, na forma de luvas. Para se ter uma idéia do que isso representa, Carlitos Tevez, quando jogava no Corinthians e tinha seus salários pagos pela milionária MSI, recebia 400 000 reais por mês.

Não é exagero dizer que o salário de Zé Roberto tem padrão europeu. Se convertidos em euros, os 500 000 reais viram pouco mais de 180 000. É justamente esse valor que recebe por mês o meia Schweinsteiger, titular absoluto da seleção alemã e substituto de Zé Roberto no Bayern. Philip Lahm, titular do Bayern e da seleção, embolsa cerca de 160 000; Friedrich e Borowski, outros dois selecionáveis

ZÉ ROBERTO
O meia santista é o jogador mais bem pago do Brasil. Seu salário, em torno de 500 000 reais por mês, é comparável até mesmo com os de titulares da seleção alemã, como Schweinsteiger, Lahm, Friedrich e Borowski. Aliás, entre todos os jogadores do Campeonato Alemão, apenas cinco recebem salário maior que o do brasileiro

PETKOVIC
Aos 34 anos e pouco conhecido na Europa, o meia sérvio dificilmente conseguiria ganhar em outro clube os cerca de 300 000 reais que recebe mensalmente do Fluminense. Seu desempenho em campo, porém, não tem compensado a generosidade dos dirigentes do Flu e da parceira Unimed — que banca os mais altos salários da equipe

RANKING DOS SALÁRIOS NO BRASIL

Quanto recebem em reais, por mês, os jogadores mais bem pagos

500 000
Zé Roberto (Santos)

300 000 a 350 000
Petkovic (Fluminense)
Rogério Ceni (São Paulo)

180 000 a 220 000
Amoroso (Corinthians)
Fábio Costa (Santos)
Kleber (Santos)
Maldonado (Santos)
Roger (Corinthians)
Romário*

*Mesmo sem jogar no Brasil, o Baixinho ainda está entre os jogadores que mais recebem dinheiro de clubes brasileiros. Resultado de acordos judiciais por causa de salários atrasados que deviam ao atacante, Flamengo e Vasco ainda lhe pagam, cada um, cerca de 100 000 reais por mês. Ou seja: Romário ainda está entre os top 10 da lista

150 000 a 180 000
Carlos Alberto (Corinthians)
Juninho Paulista (Palmeiras)
Magrão (Corinthians)
Marcos (Palmeiras)
Sávio (Flamengo)

100 000 a 120 000
César Ramirez (Flamengo)
Élber (Cruzeiro)
Fernandão (Internacional)
Pedrinho (Fluminense)
Renato (Flamengo)
Rogério (Fluminense)

80 000 a 90 000
Clemer (Internacional)
Danilo (São Paulo)
Gabriel (Cruzeiro)
Mineiro (São Paulo)

alemães, também têm rendimentos nessa faixa. Hoje, na Alemanha, só cinco nomes ganham mais do que Zé Roberto: Oliver Kahn, Lúcio, Podolski e o holandês Van Bommel, todos do Bayern Munique, além do ex-cruzeirense Sorín, do Hamburgo.

"O Zé fez um bom negócio. Encerrar a carreira no Brasil e ganhar um salário como jogadores da seleção alemã não é nada mau. E, considerando que ele só precisa gastar em reais, melhor ainda. Foi um upgrade no fim da carreira", afirma o jornalista alemão Frank Kohl, da revista *Kicker*.

Mas é preciso relativizar esse "padrão europeu". Na verdade, os salários na Alemanha são inferiores àqueles de Itália, Espanha ou Inglaterra. Tanto que na lista dos jogadores mais bem pagos da Europa, feita pela revista *France Football (ver quadro ao lado)*, há apenas um jogador do futebol alemão: Oliver Kahn. Outra constatação: o salário dos alemães Lahm ou Borowski, hoje, é o mesmo que recebe o coadjuvante volante Brocchi, do Milan.

O zagueiro Roque Júnior, que jogou tanto na Itália como na Alemanha, explica: "O Bayern passa 40% ou 50% da receita que o clube tem para pagar salários de jogadores. Na Itália é diferente, você tem empresários que bancam os salários. Tanto que o Bayern quer uma lei na Europa para que só se gaste com salários uma porcentagem do que se arrecada. Porque, por exemplo, ele nunca vai conseguir colocar o dinheiro que o *[bilionário russo Roman]* Abramovich coloca no Chelsea".

CASO ATÍPICO

O que Zé Roberto ganha, só mesmo donos de empresas embolsam no Brasil. "Um bom executivo ganha esse valor de 450 000 reais ao ano. Desconheço quem receba isso mensalmente. No máximo, um executivo recebe 70 000 mensais, fora os bônus no fim do ano, caso ele cumpra as metas estabelecidas pela empresa", diz, surpresa com o valor, a gerente de desenvolvimento pessoal Fátima Sanches, da Personal Service. Ela conclui: "Fiz um levantamento e a média salarial dos milhares de jogadores no Brasil fica entre 400 e 2 000 reais mensais. Esses valores citados são pura exceção". É verdade.

Roque Júnior assina embaixo e faz outra comparação: "Na Europa você até tem desigualdade, mas não é como aqui, onde são poucos os que têm um salário maior e a grande maioria joga por um ou dois salários mínimos". O zagueiro, interessado por gestão de clubes e hoje dono de uma empresa que administra as categorias de base do São José-SP, acha que falta organização para que equipes brasileiras possam não apenas diminuir a desigualdade dos salários como concorrer com alguns clubes europeus. "No Brasil, boa parte da receita dos clubes vem das rendas dos jogos. Na Europa, é uma parcela menor. É verdade que lá a moeda é mais forte, mas e o número de pessoas que temos aqui?", afirma.

Se o alto salário de Zé Roberto até se justifica por se tratar de um jogador titular da seleção brasileira na Copa da Alemanha e que estava, até há pouco tempo, entre os principais da Europa, é difícil comprender a generosidade de certos clubes com outros dos atletas mais bem pagos do Brasil.

Em 2006, Petkovic se arrasta em campo com o time do Fluminense. A equipe fracassou em todas as competições que disputou e agoniza para não ser rebaixada. Porém, entre salários e direito de imagem, Pet embolsa algo em torno de 300 000 reais por mês. Aos 34 anos, não conseguiria isso na Europa. O Flu ainda faz cálculos e avaliações duvidosas ao manter Pedrinho e Rogério em sua folha salarial com rendimentos acima dos três dígitos. "Ainda estamos longe de alcançar equilíbrio salarial em nossos clubes. Há várias distorções. Melhorou um pouco, mas reconheço que algumas situações são complicadas", diz Kleber Leite, vice-presidente de futebol do Flamengo.

O próprio Flamengo, aliás, comete

RONALDINHO GAÚCHO
Depois de renovar contrato com o Barcelona no ano passado e inflar sua lista de patrocinadores, Ronaldinho passou a ser o jogador de futebol mais bem pago do planeta. Por ano, recebe 9 milhões de euros do clube espanhol, mais 14 milhões dos contratos de propaganda e marketing: no total, está 5 milhões à frente de Beckham

RONALDO
É um dos dois únicos jogadores de futebol na lista de 25 atletas mais bem pagos do mundo em 2005, divulgada no início deste ano pela revista *Forbes* — o outro é David Beckham. Neste ano, assim como o inglês, foi ultrapassado por Ronaldinho Gaúcho. Dos 17,4 milhões de euros que recebeu em 2005, 11 milhões vieram de publicidade

seus desatinos. Um exemplo é o salário de 120 000 reais pago ao paraguaio César Ramírez, de 29 anos, que quase não joga. O Santos se empolgou com o caixa cheio e, além de Zé Roberto, paga bem alto para manter Kléber, Maldonado e Fábio Costa em seu elenco: podem não ser casos condenáveis, mas, pelo menos, são questionáveis.

Sem entrar no mérito de casos específicos, João Paulo de Jesus Lopes, do São Paulo, faz uma análise do que pode levar a distorções salariais. "Você não pode fazer a emoção dominar. Muitas vezes, num momento difícil, de pressão política ou de má posição no campeonato, alguns clubes acabam cometendo loucuras para contratar."

DINHEIRO QUE VALE

Apesar de muitas vezes questionáveis, os altos salários pagos por certos clubes não escandalizam os torcedores. Alguns reclamam nas crises, mas admitem que jogador de futebol ganha mais porque tem menor vida útil, com o fim de carreira precoce, perto dos 35 anos. Quando se trata de um ídolo, aliás, eles aplaudem e pedem mais.

Rogério Ceni, o astro são-paulino e no pelotão da frente dos mais bem remunerados, recebe, entre salários e luvas, algo na faixa de 300 000 reais. Muito? "Eu nunca tive um ídolo como Rogério. Ele encarna o São Paulo, veste a camisa, sofre na derrota, comemora na vitória. Ele merece!", diz o dentista Mauro Delmarco.

O São Paulo paga muito bem a Rogério, mas, na média, mantém seus salários com rédea curta. Mineiro, por exemplo, ganha igual a Danilo e um pouco menos que Júnior. O São Paulo lhe fez uma proposta de aumento de 50% para o fim do ano. Iria de 80 000 para 120 000 reais mensais, o que o volante deve aceitar.

O alto salário de Rogério Ceni em relação ao resto do elenco são-paulino tem outra explicação, além de sua inquestionável qualidade. Como está no clube desde 1993, sua remuneração vem desde os tempos da gestão passada, quando a média dos salários pagos aos principais jogadores do Brasil era superior à atual *(veja quadro ao lado)*. "O Ceni não tem aumento há cinco anos. Desde que a atual gestão assumiu o comando, ele só tem correção monetária. O salário dele é de uma outra época, com outros patamares salariais. Ainda assim, o benefício dele é superior ao custo", diz Jesus Lopes.

A exemplo do São Paulo, Cruzeiro e Internacional, que já pagaram muito, também colocaram o pé no freio. O astro do time gaúcho, Fernandão, acabou de assinar novo acordo com o clube: seus salários são um pouco acima de 100 000 reais mensais, fora as luvas. Apesar do título da Libertadores, a diretoria colorada não tem feito loucuras para manter seu elenco — tanto que perdeu Rafael Sóbis, Tinga e Jorge Wágner.

O FATOR PROPAGANDA

Quando deixam o Brasil para jogar na Europa, os jogadores ampliam sua possibilidade de ganhar mais não apenas com os salários, mas com contratos publicitários.

Lá, quando se fala dos principais astros, os salários são só parte dos rendimentos. Alguns, aliás, ganham mais em contratos de propaganda e marketing. Segundo uma lista publicada anualmente pela revista *France Football*, Ronaldinho Gaúcho tem um salário de 9 milhões de euros por ano, mas, com publicidade, abocanha outros 14 milhões. Com Ronaldo, a história é parecida: seu contracheque no Real Madrid registra 6,4 milhões de euros por temporada, aos quais são acrescidos 11 milhões em campanhas publicitárias. Mas o inglês Wayne Rooney é o melhor exemplo. Já estaria rico com os 5,3 milhões de euros que brotam na sua conta a cada ano. Mas, com aquele rosto que transita entre o garoto dócil e o craque transtornado, empacota mais 10,8 milhões a cada 12 meses. "O salário na Europa é um detalhe. O que mais conta lá é o ganho indireto. Por isso, craques como os Ronaldos vivem viajando e faltando a treinos. Eles não saem a passeio. Faltam para ganhar dinheiro", explica um agente Fifa, que pede anonimato com medo de perder clientes.

Isso, claro, vale apenas para os jogadores mais famosos do planeta, aqueles cuja imagem associada a uma marca podem reverter em milhões de dólares, euros ou libras em produtos vendidos. "Em geral, mesmo na Europa, os salários ainda são a principal fonte de renda do jogador", diz Roque Júnior.

De qualquer forma, no Brasil, a dependência do salário é maior. E, se o mercado salarial brasileiro ainda tem seus exageros, é bom dizer que ele já foi bem mais esquizofrênico. Se você não concorda e ainda acha um absurdo o dinheiro ganho por nossos principais jogadores, deixamos um exercício como consolo: o australiano Harry Kewell, aquele que corre feito doido pelo Liverpool, ganha 8 milhões de euros por ano. Se jogasse no Brasil com esse salário, receberia quase 2 milhões de reais por mês. Você conhece o futebol do Kewell? Se conhece, entenderá: ele faz o salário do Zé Roberto no Santos parecer, digamos, uma bobagem. ✪

ROONEY
Nenhum caso simboliza melhor a importância dos direitos de imagem na Europa que o do atacante inglês Wayne Rooney, do Manchester United. O ganho do jogador com contratos publicitários em 2005 (10,8 milhões de euros) é mais que o dobro do seu salário na equipe inglesa (5,3 milhões): um caso inédito no planeta

DIREITO DE IMAGEM

Como funciona o contrato no Brasil e na Europa

Como é o contrato de um jogador de futebol? No Brasil, a maioria dos clubes trabalha, pelo menos nesse ponto, como uma empresa: com carteira assinada. Até o ano passado, boa parte das grandes equipes fazia um misto do modelo tradicional combinado com o acordo de "direitos de imagem" — hoje uma prática em queda livre. Entre os poucos clubes que ainda trabalham dessa forma estão aqueles com parceiros fortes, como o Corinthians (MSI), o Flamengo (Petrobras) e o Fluminense (Unimed). Outros casos do gênero remetem a ações bissextas.

"Essa história de direito de imagem virou uma festa no futebol brasileiro e agora está havendo uma retração. Alguns clubes usavam o direito de imagem com a única finalidade de pagar menos impostos. Em momento algum exploravam a figura do jogador, como era a proposta inicial. Agora, com os órgãos mais atentos, a prática está diminuindo", afirma o advogado Marcos Motta, especializado em legislação desportiva.

Na Europa, todas as grandes estrelas têm contrato de direito de imagem. Mas o esquema é diferente do praticado no Brasil. Aqui, parte do salário do jogador é registrado na carteira de trabalho: o clube tem que recolher o fundo de garantia e o atleta leva uma mordida de até 27,5% do imposto de renda. A outra parte, normalmente maior, é recebida como pessoa jurídica: o atleta apresenta uma nota da sua empresa e tem descontos de, no máximo, 15%; o clube também paga menos, com encargos reduzidos. Essa "segunda parte" é, de forma resumida, o acordo de direito de imagem brasileiro.

Na Europa, o direito de imagem é usado à vera. Qualquer jogador que assina com o Real Madrid, por exemplo, tem o seu acordo nesse quesito. E, segundo as regras do clube, 50% do valor recebido com os contratos publicitários assinados pelos craques passa a ser da equipe espanhola. A última novidade na Espanha foi a criação de uma lei que determina que os contratos de direito de imagem não ultrapassem 40% do valor total dos rendimentos do jogador. Pelo jeito, apesar das diferenças, tanto lá como cá resolveram dar um freio no processo.

O RANKING DOS SALÁRIOS EM 2000

Saiba quem eram os jogadores mais bem pagos há seis anos

Ao comparar as relações dos 20 maiores salários de jogadores publicadas na Placar em 2000 e hoje, pode parecer que as coisas não mudaram. Mas mudaram. Em 2000, eram 40 os atletas que recebiam pelo menos 80 000 reais por mês; atualmente, o número é 23. É verdade que Zé Roberto, hoje, tem um salário que ninguém tinha naquela época. Mas é só: em 2000, a relação de privilegiados que recebiam mais de 50 000 reais por mês era bem mais extensa.

JOGADOR	CLUBE	SALÁRIO
1º Romário	Vasco	450 000
Edmundo	Vasco	450 000
3º Raí	São Paulo	420 000
4º Rincón	Santos	330 000
5º Zinho	Grêmio	200 000
6º Fábio Júnior	Cruzeiro	190 000
7º Asprilla	Palmeiras	175 000
Petkovic	Flamengo	175 000
9º Carlos Miguel	São Paulo	150 000
10º Sorín	Cruzeiro	145 000
11º Astrada	Grêmio	130 000
César Sampaio	Palmeiras	130 000
Muller	Cruzeiro	130 000
Paulo Nunes	Grêmio	130 000
15º Carlos Germano	Santos	120 000
Edilson	Corinthians	120 000
Marcelinho	Corinthians	120 000
Vampeta	Corinthians	120 000
Viola	Vasco	120 000
20º Amato	Grêmio	100 000

É CLÁSSICO!

QUEM É O MAIS FELIZ?

O **Internacional** é campeão da América e em dezembro pode conquistar o mundo no Japão. O **Grêmio** faz bonito no Brasileirão, depois de emergir da Segundona, e está perto da Libertadores 2006. Mas qual torcida possui hoje o maior índice de felicidade?

Faz um bocado de tempo. Foi no Brasileiro de 1988. Uma das semifinais reunia Internacional contra Grêmio. Dois clubes em alta, ambas as torcidas em êxtase. Coisa rara no futebol gaúcho. O estado se acostumou com a gangorra: quando um está lá em cima, o outro está lá embaixo. A alegria de um é a tristeza do outro. Sempre foi assim, e aquele Grenal foi uma exceção. Aliás, deu Inter no que seria chamado de "Grenal do Século", em um 2 x 1 sensacional. É verdade que o título não viria ali, o Bahia foi o campeão nacional. Mas o fato é que de lá para cá a gangorra regeu o futebol gaúcho.

Pois 2006 está se mostrando um ano muito estranho. É um ano de ouro para os colorados, talvez o melhor de seus 97 de história. Quebrar a escrita e conquistar a primeira Libertadores da América não tem preço. Assim como é inacreditável sair da Série B diretamente para as cabeças na primeira divisão. Isso aconteceu com o Grêmio em 2006. Os colorados vibram por Fernandão. Os gremistas se orgulham de Lucas, o garoto de ouro. O Beira-Rio está lindo, reluzente. A torcida tricolor é a campeã de público no Brasileirão 2006. Certo, mas quem é mais feliz, os colorados ou os gremistas? Placar topou o desafio de tentar medir o "índice de felicidade", apoiando-se em alguns critérios objetivos e outros nem tanto. Pontuação de 1 a 5 para cada quesito. E que vença o melhor.

Zé Pedro Goulart, cineasta e gremista fanático, diz que tal discussão é desnecessária: os tricolores estão muito mais felizes que os colorados. Para sustentar seu ponto de vista, ele cria um filmezinho. Segundo Zé Pedro, o Inter é o machão que foi para a rua, bateu em todo mundo e, ao voltar para casa, apanhou da mulher. "O Inter tem a síndrome do irmão mais novo: sempre cresce à sombra do mais velho", diz ele.

Como não poderia deixar de ser, o colorado Zé Victor Castiel discorda. Para o ator da Globo, vencer apenas o Estadual na temporada não é motivo para comemoração. "É impossível alguém ser feliz ganhando somente o Campeonato Gaúcho. Nós, colorados, estamos muito mais felizes que os gremistas porque vencemos a Libertadores e estaremos no Mundial em dezembro", afirma. Para o coloradíssimo jornalista Kenny Braga, o questionamento também é em vão. "Os colorados estão orgulhosos com a retomada da grandeza do clube e muito mais felizes que os gremistas."

Confira agora quanto deu o "Grenal da felicidade", segundo a avaliação da Placar.

A REGRA É CLARA: Placar estabeleceu sete critérios (Efeito Fim do Túnel, Heróis, Fator Qualidade, Fidelidade, Cabeça de Torcedor, Efeito Oscar e Futuro) e uma pontuação de 1 a 5. Quem somar mais pontos ganha o "Grenal da felicidade"

EFEITO FIM DO TÚNEL

1 QUAL É A MELHOR HISTÓRIA DE **SUPERAÇÃO**?

Briga dura, aqui. Os colorados riem de orelha a orelha. Acabou o trauma do passaporte, o Internacional não é mais municipal, como costumava dizer maldosamente o escritor tricolor Eduardo Bueno, o Peninha. A Libertadores 2006, conquistada de forma brilhante contra adversários poderosos como o São Paulo, mudou tudo. Ao levantar a taça, o Inter superou os traumas das Libertadores passadas e agora pode esquecer a derrota para o Nacional em 1980 com a geração de Falcão. A história de superação gremista, porém, é ainda mais forte. Não bastasse o fato de sair da segunda divisão como saiu, já no ano seguinte fez grande campanha na Série A. Do inferno para o céu, sem escalas. Vantagem gremista.

PLACAR — Grêmio 5 x 3 Inter

HERÓIS

2 QUAL DOS RIVAIS TEM **ÍDOLOS** MAIS FORTES?

No Grenal de ídolos, o Rio Grande do Sul vive um certo equilíbrio. Há dois meses, o Inter, campeão da Libertadores, ganharia disparado do Grêmio tal desafio. Porém, com as saídas de Sóbis, Bolívar, Tinga e Jorge Wagner, a vantagem diminuiu. Fernandão segue como o grande nome do clube. Carismático, Fernandão é o ídolo que o torcedor do Inter não tinha desde os tempos de Gamarra, uma década atrás. Espécie de Rei Midas vermelho, todo produto vinculado ao F9 (a marca de Fernandão) vende fácil entre os colorados. Talvez mais do que o atacante, Fernando Carvalho, o presidente que revolucionou o Colorado, mereça lugar de destaque no coração dos torcedores do Inter. Carvalho é saudado como o grande dirigente da história do clube. Afinal, ninguém jamais havia levado a Libertadores para o Beira-Rio. Mas ele fez mais. Carvalho recuperou um clube endividado e deu ao Inter um quadro social de 43 000 torcedores, algo inédito.

São dois também os atuais ídolos do Grêmio. Aqueles homens capazes de mobilizar uma nação inteira e reerguer uma equipe: o técnico Mano Menezes e o volante Lucas. Metódico, Mano transformou um time desacreditado em campeão. Venceu a Série B com sete jogadores em campo contra 11 do Náutico, no Estádio dos Aflitos. É ídolo entre os gremistas. O moral do técnico aumentou ainda mais depois da conquista do Estadual sobre o Inter. A caça ao São Paulo no Brasileirão, com um elenco muito inferior ao dos paulistas, só faz crescer o mito de Mano Menezes no Sul. O segundo nome gremista é Lucas. Volante da linhagem de Emerson, o garoto de 19 anos é símbolo de raça e técnica. Forjado nas agruras da Série B, ele tem a cara do novo Grêmio ressurgido das cinzas e que voltou a ser campeão. Para tristeza da torcida, Lucas está de malas prontas para a Europa. É a esperança da torcida, porém, se der certo o plano de segurá-lo para a Libertadores 2007. Mas, no Grenal da idolatria, Fernandão e Fernando Carvalho vencem por pequena margem a Lucas e Mano.

PLACAR — Grêmio 3 x 4 Inter

O FATOR QUALIDADE

3 QUEM CONTA COM O **MELHOR TIME**?

Na teoria, o Internacional campeão da Libertadores deveria contar com uma melhor equipe, ainda mais quando comparada a um time que veio da Série B. Na prática, a briga é mais dura, tanto que os gremistas têm se comportado de forma semelhante ao rival no Brasileirão. Se o parâmetro for a Bola de Prata, os colorados levam vantagem. O Inter tem cinco jogadores entre os dez mais bem classificados em cada posição do prêmio da Placar. O Grêmio, apenas dois. Uma análise tática, porém, mostra os tricolores mais fortes. O time de Mano Menezes se porta mais sólido em campo do que a equipe de Abel Braga. O meio-campo gremista, com Jeovânio, Lucas, Hugo e Tcheco, é um dos mais eficientes do país. Só que o Internacional conta com uma defesa mais qualificada e um ataque mais poderoso. Leve vantagem colorada.

PLACAR — Grêmio 3 x 4 Inter

FIDELIDADE

4 QUEM POSSUI A **TORCIDA MAIS FIEL** E COMPANHEIRA?

A recuperação do Grêmio e o atual bom momento do clube passam muito pela parceria com o torcedor. Para ajudar o time a voltar à elite, o quadro social cresceu de 5000 para 32000 associados, gerando uma receita mensal de 960000 reais. Com o dinheiro dos sócios, o Tricolor praticamente paga a folha salarial. Além disso, o clube tem as melhores rendas do Brasileirão. Até outubro, o Grêmio liderava os quesitos público e renda do campeonato, com média de 24 468 torcedores por jogo.

Mais surpreendente é o que já acontece no Beira-Rio. São nada menos que 43000 sócios (1,2 milhão de reais por mês). Motivados com a conquista da América, os colorados ainda mantiveram a empolgação no Brasileiro. Eles foram responsáveis pela segunda melhor média de público como mandantes, com 22 473 torcedores por partida. Até 2009, quando completará 100 anos, o Inter projeta ter 100000 sócios, gerando uma renda de 3 milhões de reais ao mês. No balanço geral, colorados na frente na corrida dos sócios e gremistas liderando a arrecadação do Brasileiro. Empate técnico.

FANATISMO

DEVOÇÃO

CABEÇA DE TORCEDOR

5 A **PSIQUIATRIA** AJUDA A COMPARAR AS FELICIDADES

Para o psiquiatra porto-alegrense Telmo Kiguel, o momento é azul. Ele entende que, apesar de os colorados terem entrado em euforia com a Libertadores, os gremistas estão em êxtase. Afinal, o objetivo do clube era não voltar à segunda divisão. "Ambas as torcidas realizaram sonhos difíceis. Mas, se fosse possível criarmos um felicitômetro, eu diria que os gremistas estão na frente. Os colorados tiveram o time desmontado após a Libertadores e, em dezembro, terão a dura missão de vencer o Barcelona no Mundial. Por isso, estão mais realistas. Os torcedores do Grêmio vivem um sonho, pois ganharam o Gauchão do time que seria campeão da América e já conseguiram muito mais do que haviam sonhado para a temporada", diz Kiguel. Outro psiquiatra, Carlos Alberto Salgado, entende que o "felicitômetro" que mede a alegria de colorados e gremistas oscila a cada rodada. Para ele, a "secação" também é um componente fundamental nesta guerra pela felicidade."Com duas rodadas por semana, o futebol permite uma alternância grande de alegrias e tristezas. É nesse ponto que o "secar" entra como a nossa maldade autorizada. Trata-se de um sadismo permitido", diz.

EFEITO "OSCAR"

6 O GRENAL NOS **DVDS**

A arte pega uma carona na vida, inclusive no futebol. A trajetória colorada na Libertadores está contada no DVD *Libertadores 2006, Internacional Campeão*. Todos os gols e melhores lances dos 14 jogos da campanha, a partida final do Beira-Rio na íntegra, um presente e tanto para o torcedor. E o clipe das imagens com o hino colorado ao fundo arranca lágrimas até dos torcedores mais durões. O Grêmio, no caso, encara o Inter com uma certa dose de covardia. No lugar de um DVD, ataca com dois. O "oficial" e o "semi-oficial". O primeiro é *A Batalha dos Aflitos*, uma reportagem do jogo contra o Náutico que decidiu a Série B, com muitos lances e entrevistas emocionadas dos participantes de um jogo inverossímil. O segundo, *Inacreditável, a Batalha dos Aflitos*, versa sobre a campanha como um todo, claro que com foco na partida em que o Grêmio derrotou o Náutico com quatro jogadores a menos e um pênalti contra nos minutos finais. Não há como os colorados vencerem um roteiro tão absurdamente bom quanto este.

PLACAR

O FUTURO

7 QUAL CLUBE ESTÁ MAIS BEM PREPARADO PARA O FUTURO?

A quase certeza de que Inter e Grêmio estarão na Libertadores de 2007 projeta um incremento de 20% a 25% nas receitas dos dois clubes. Com isso, ambos poderão reforçar as equipes e manter os salários em dia, o que tem ocorrido desde o ano passado. O Grêmio havia entrado em 2005 com uma dívida de 125 milhões de reais. Por meio de renegociações, o clube reduziu a dívida para administráveis 52 milhões de reais. "Apesar da melhora nas finanças, precisamos vender ao menos um jogador por ano. No ano que vem, nosso quadro social chegará aos 50000", afirma o presidente gremista Paulo Odone. Os planos tricolores para a próxima temporada incluem a manutenção do time — a maioria dos atletas do atual elenco já conta com contratos longos — e do técnico Mano Menezes. Lucas vai para a Europa; só não se sabe se antes ou depois da Libertadores. Com os 7,5 milhões de euros que o clube deverá receber pelo volante, novos reforços virão. De olho no futuro, o Grêmio investe na base. São 111 jogadores com contratos.

Mais bem estruturado que o rival, o Inter largou na frente. Com uma dívida inferior à do Grêmio, 10 milhões de reais a curto prazo, e um passivo total de 90 milhões de reais já refinanciados, o clube também tem conseguido administrar seu déficit mensal. O Colorado foi campeão da América com um rombo de 800000 reais a cada mês nos cofres. Depois, com as vendas de Sóbis, Jorge Wagner, Tinga e Bolívar (total de 25,6 milhões de reais), somado a um quadro social de 43000 torcedores (1,2 milhão de reais por mês), a situação foi revertida e, desde setembro, o Inter conta com um superávit mensal de 1,3 milhão de reais. Em dezembro, o Mundial renderá um prêmio de 2 milhões de dólares, caso o Inter caia na semifinal, a 4 milhões de dólares, se for campeão. Com a Libertadores, o clube já lucrou 3 milhões de dólares. Outra renda certa tem sido a venda de jogadores. Em 2006, foram 25 milhões de reais. Atualmente, o clube tem 132 atletas sob contrato. Por ter começado o saneamento financeiro há mais tempo, o Inter vai com boa vantagem neste quesito. ✪

PLACAR FINAL

GRÊMIO 28 x 28 INTER

DEU EMPATE!

COPA DE 2038

Já pensou em como será sua vida daqui a três décadas? Nós não só fizemos isso como, com base na opinião de especialistas, mostraremos para você como será a Copa do Mundo daqui a 32 anos. Para esse trabalho de futurologia, fizemos uma parceria com a revista *Mundo Estranho*. O primeiro passo foi eleger a sede do torneio. Considerando o rodízio de países, concluímos que seria na Europa e, acompanhando o fortalecimento de magnatas como Boris Berezovski e Roman Abramovich, pensamos que a sede só podia ser uma: a Rússia

BOLA ROLANDO
Jogadores de calça, chips para todos os lados, Romário jovem... Alucinação? Não, é o futuro!
7,90 m
7,32 m
2,44 m
2,73 m
traves de hoje
traves de 2038
BOLA NA REDE
A queda da média de gols obrigou a Fifa a aumentar o tamanho das traves: a altura passou de 2,44 m para 2,73 m e a largura (de uma trave à outra) de 7,32 m para 7,90 m. Graças à medida, o número de gols aumentou, em média, 20% em relação à Copa de 2006
VESTIDOS PARA VOAR
Os uniformes estão cada vez mais parecidos com os usados no atletismo. Camisas e calções largos foram substituídos por peças únicas, que cobrem o corpo inteiro. A aderência do uniforme à pele diminui a resistência do ar e facilita a transpiração
defesa
meio-campo
ataque
4-2-4
Se você pensa que os times ficaram mais retranqueiros, engana-se redondamente. Com a evolução física dos atletas, a maior parte das seleções na Copa de 2038 atua com quatro atacantes, todos orientados a subir à área adversária e voltar rapidamente para marcar no meio-campo
TAMANHO É DOCUMENTO
O crescimento dos goleiros fez a Fifa mexer nas regras (veja o quadro Bola na Rede). Entre a Copa de 1970 e a de 2038, foram 35 cm a mais na altura do nosso camisa 1!
1970 Félix 1,76 m
1990 Taffarel 1,81 m
2006 Dida 1,92 m
2038 ??? 2,11 m
SUSPENSÃO ATIVA
travas
Para amortecer os impactos e melhorar a estabilidade dos atletas, as chuteiras ganharam travas inteligentes, que aumentam e diminuem de tamanho automaticamente, de acordo com as condições do gramado. É uma espécie de suspensão ativa a cargo dos craques da bola
VOVÔ GAROTO
Por meio da manipulação genética, os jogadores ganharam alguns anos a mais na carreira. Atletas com mais de 30 anos são os mais procurados e valorizados. E casos como o de Romário, que em 2006 continua na ativa apesar de seus 40 anos de idade, são cada vez mais comuns.
bandeirinha
chip
PRANCHETA ELETRÔNICA
Lembra dos treinadores que colocavam auxiliares na arquibancada para analisar a movimentação do time? Isso é passado. Com jogadores chipados, a equipe técnica recebe no próprio banco, por meio de um computador portátil, um mapeamento do jogo e estatísticas atualizadas lance a lance
A REGRA É CLARA
microcâmera
Erros de arbitragem agora são sinônimo de má-fé. Embora o árbitro e os auxiliares continuem sendo as autoridades máximas dentro do campo, a tecnologia acabou com os lances duvidosos. Microcâmeras espalhadas pelo campo e chips instalados na bola, no campo e nos próprios jogadores tiram qualquer dúvida em tempo real
juiz
NO LIMITE
Preparadores físicos e médicos monitoram o nível de desgaste de cada jogador através dos chips que eles levam sob a pele. Dá para antecipar câibras, contusões e até mesmo um súbito ataque cardíaco. Além disso, do banco de reservas, desmascara-se quem faz corpo mole. Conclusão: todos atuam no limite
ENTROU OU NÃO ENTROU?
chip
Dentro da bola está instalado um pequeno chip, que mostra ao juiz a posição exata da gorduchinha em relação às linhas do campo. Em um lance de gol duvidoso, por exemplo, o juiz confere imediatamente no display do seu relógio se a bola entrou ou não
grama sintética
borracha
GRAMADO CENOGRÁFICO
Todos os estádios da Copa de 2038 usam grama sintética e são cobertos. Pode chover ou nevar, que a bola rola normalmente. Além de mais durável e resistente, a grama sintética acabou com os "morrinhos artilheiros" e suavizou o impacto das pisadas, graças aos grânulos de borracha espalhados pelo gramado
66 NOVEMBRO 2006
NOVEMBRO 2006 67

HAJA CORAÇÃO!

Quase tudo mudou com o uso da biometria nos estádios. Só que o hot-dog e a emoção do gol continuam bons como sempre

MARCAÇÃO COLADA

A segurança nos estádios tornou-se eficaz quando a identidade dos torcedores passou a integrar um cadastro, acessível pelo sistema de identificação biométrica. Se rola uma confusão, as câmeras identificam os baderneiros na hora. Quem arruma confusão é banido dos estádios: quando passa pelo leitor de retina no portão de entrada, é convidado a se retirar

scanner

DINHEIRO NA MÃO É DIGITAL

Não há mais ingressos nem cambistas e notas de dinheiro são uma raridade. Para comprar um hot-dog basta passar o polegar em uma espécie de *scanner* e o valor é debitado diretamente da sua conta. A biometria também garante seu lugar na arquibancada: você reserva sua poltrona pela internet e, na entrada do estádio, é identificado pela retina ou pela digital

CÂMERA-MOSCA

Há microcâmeras instaladas em vários pontos da arquibancada – além das que cobrem o campo. Mas a grande novidade desta Copa, que promete revolucionar o monitoramento nos estádios, são os "insetos eletrônicos": robôs do tamanho de uma mosca dotados de microcâmeras e sistema de leitura biométrica

OLHO NO LANCE!

No lugar de telões, os estádios ganharam pequenas telas de alta definição instaladas em cada assento, para que o torcedor possa ver replays e estatísticas da partida. Nos estádios mais modernos, as cadeiras são equipadas com óculos de realidade aumentada, que projetam imagens diretamente na retina do espectador

ESTÁDIO DENTRO DE CASA

Quem não vai à Rússia pode comprar uma TV 360 graus e levar a seleção para dentro da própria sala

Televisores de plasma ainda existem, mas são ultrapassados. A febre agora é a TV holográfica de 360 graus. A imagem vem de um projetor instalado no teto, o que permite que os jogadores tenham volume como se realmente estivessem na sua sala. E melhor: dá para ver o campo inteiro e ainda escolher seu ângulo de visão favorito. O controle remoto foi substituído por comandos de voz e alguns sistemas são capazes de transmitir até o cheiro do campo

CONSULTORIA: João Antônio Zuffo, professor do Laboratório de Sistemas Integráveis da USP; Paulo Vinícius Coelho, jornalista da ESPN Brasil; Jorge Mira, professor do Departamento de Física Aplicada da Universidade de Santiago de Compostela

PROVA DE AMOR

Ex-símbolo palmeirense, **Magrão** confessa à Placar que sempre torceu pelo Corinthians — e **mostra isso na pele**

“E aí? Vai pipocar mesmo? Vai amarelar? Você nunca foi disso! Vamos embora, homem!” Essa foi a bronca de Andréia, esposa de Márcio Rodrigues, o Magrão, ao saber da dúvida do marido em aceitar a proposta para deixar o Yokohama Marinos, do Japão, e jogar no Corinthians, em setembro. A resposta, segundo o jogador, foi imediata. “Pipoqueiro é o c...! Figer, acerta logo essa p... que eu estou chegando.”

Esse “sutil” empurrão era o que faltava para o volante criar coragem e realizar um sonho que só não soava absurdo para os que o conheciam na intimidade: vestir a camisa do Corinthians, o time que outrora ele dizia repudiar.

“Quando era pequeno, o Márcio falava que queria jogar no Corinthians. Era o sonho dele, do meu pai, do meu irmão, da família toda”, diz Cida Dias, mãe do jogador. A família do volante é de maioria corintiana. Mãe, pai, avô, alguns tios, irmãos... “Eu chorei de emoção ao ver meu sobrinho, que é a coisa que eu mais

adoro na vida, jogando no Timão", diz Gilberto Dias, tio do jogador, ainda morador da favela de Heliópolis, zona sul de São Paulo.

Ex-símbolo da raça palmeirense, o volante hoje pode revelar à Placar, mesmo que timidamente, a paixão antes proibida. Ele aos poucos tira do armário as provas, como a camisa que costumava usar quando era garoto e ia ao Pacaembu. "Eu tinha essa camisa guardada até pouco tempo atrás. Aí, quando mudamos *[para uma nova casa em São Caetano]*, acabei perdendo. Era a camisa 10 do Neto", afirma, mostrando a fotografia com a roupa do ídolo. Outras fotos que poderiam lhe causar problemas se reveladas na época de Palmeiras estão muito bem guardadas. "Meu pai era corintiano roxo e tirava essas fotos, com camisa e macacão. Quando o Márcio nasceu, ele disse: esse aqui é corintiano", diz a mãe. Apesar da empolgação de dona Cida, você não vê essas fotos aqui porque o filho, ainda receoso do peso do passado, não permitiu que Placar as reproduzisse. Um sinal de que assumir totalmente essa história alvinegra ainda é difícil para o jogador.

"Nunca vou jogar no Corinthians. Pode anotar aí." Magrão, em maio de 2005

"Minha reação ao saber da proposta do Corinthians? Falei para ele não vir, claro! Sou amigo dele!", diz rindo o compadre Ricardo Blanco, vizinho do jogador em São Caetano. A preocupação de parentes e amigos era de retaliação, por parte dos palmeirenses, e repúdio, por parte dos corintianos. "Realmente o Ricardo me chamou de louco, mas eu não tive medo de nada. Quem tem medo fica em casa", diz Magrão.

As palavras transparecem coragem, mas Magrão sabe exatamente a dimensão dessa rivalidade. Quando foi jogar no Palmeiras, em 2000, quase tudo o que levava o escudinho do Corinthians foi parar na lixeira de sua casa. "Demos tudo, para ninguém descobrir. Toalha, edredom, quadro, agasalho, tudo. Teve uma coberta que a gente guardou, mas escondido. Quando o Magrão vinha em casa, a gente socava no guarda-roupa para ele não ver. Ele reprimiu por muito tempo essa paixão e agora eu posso dizer que ele voltou à infância", diz Marlon, irmão do jogador.

PALAVRAS AO VENTO

A pergunta era capciosa, porém simples: será que o jogador poderia considerar o time do Parque São Jorge como opção quando retornasse ao país? "Nunca vou jogar no Corinthians, pode anotar aí no seu bloquinho", afirmou Magrão, em um de seus últimos treinos pelo Palmeiras, dias antes de embarcar para o Japão, em maio de 2005. Hoje, faz mea-culpa. "Antes mesmo da proposta eu já estava arrependido de ter falado que não jogaria no Corinthians. Aliás, me arrependi de muitas coisas que eu fiz e falei. Várias vezes eu pensava depois: 'Falei m...' Mas aí já era. Hoje eu sou mais controlado...", diz.

Aos poucos, Magrão vai substituindo a aura verde pela negra. Em um Pacaembu lotado, Corinthians e Santos se enfrentaram em 5 de outubro pelo Campeonato Brasileiro. O time paulistano entrava no gramado e a fiel torcida se aquecia nas arquibancadas, pulando e gritando o nome dos 11 titulares, como de costume. Chegou a vez do camisa 11, o último a ser ovacionado. "Nunca pensei que poderia gritar o nome do Magrão", comentou um torcedor para o amigo ao lado.

A chegada do volante foi rapidamente aceita

pelos fiéis torcedores, principalmente pela carência de ídolos "raçudos" depois da saída do argentino Tevez. Por mais desconfiança que sua contratação tenha causado no Parque São Jorge, o volante tem feito por merecer o crédito. Na estréia contra o São Paulo, o Corinthians, com dois jogadores a menos, segurou o empate em 0 x 0, e Magrão foi um dos maiores responsáveis pelo resultado. Contra o Vasco e o Paraná, marcou até gol, garantindo a vitória do time.

A identificação com a torcida só não é maior pela fase que vive o time. Após a derrota diante do Flamengo, no Maracanã, por 3 x 0, o jogador desabafou. "Agora o importante é cada um assumir a sua responsabilidade. Jogar no Corinthians é coisa pra homem. Joga quem quer." Ele conta que entrou "com sangue nos olhos" no vestiário e chamou para a briga quem não estivesse ali para se dedicar. "O Corinthians não vai cair, por mais que alguns queiram", afirmou. O desprendimento para o puxão de orelha nos colegas revela que Magrão é hoje o homem de confiança do técnico Leão no grupo. Os sinais de corintianismo começam a ficar visíveis. E audíveis. O toque de celular do volante é o grito preferido da torcida: "Corinthians, Corinthians minha vida, Corinthians minha história, Corinthians meu amor". ✪

O ENIGMA DAS TATOOS

Logo que pisou no Parque São Jorge, Magrão causou polêmica. Todo mundo queria saber se o volante tinha ou não a tal tatuagem da Mancha Verde. A dúvida virou discussão de botequim e preocupou a família do jogador. Um dos tios de Magrão se envolveu em uma briga quando ouviu de alguns torcedores que o jogador tinha no corpo o símbolo da principal torcida palmeirense. "Eu fiquei assustada com essa história. Tenho medo que algo possa acontecer", diz dona Cida.

Mas pouca gente sabe que a confusão é ainda maior. "Falavam que eu tatuei essa do Palmeiras para esconder um gavião, é mole?", diz Magrão. Tudo fantasia. O volante tem um dragão no braço, mais os nomes da mulher e dos filhos, um sol e um símbolo do amor espalhados pelo corpo.

O culpado pelo mal-entendido, segundo Magrão, é o baterista da banda de rock Sepultura. O volante fez uma de suas tatoos no estúdio de Igor Cavalera, que é torcedor fanático do Palmeiras. "No jogo seguinte eu fiz um gol e saí batendo na tatuagem, em homenagem ao Igor. Foi daí que pensaram que esse desenho fosse uma homenagem ao Palmeiras", afirma o volante.

Ao ser apresentado, para evitar mais confusão, Magrão ficou sem camisa. "Eu nem precisava fazer isso *[tirar a camisa]*, mas se eu não mostrasse, ia virar uma lenda, conversa de boteco, e não ia acabar nunca." A pedido da revista Placar, Magrão tatuou no braço "maloqueiro e sofredor", o lema de todo bom corintiano.

O SOMBRA

O enigmático empresário **Eduardo Uram** também poderia ser conhecido como "Mr. Flamengo". Saiba por que praticamente todos os negócios e jogadores do clube estão em suas mãos

Dia 22 de janeiro, no Estádio Luso-Brasileiro, na Ilha do Governador. O Flamengo empata com a Portuguesa pelo Campeonato Carioca. Em campo, oito jogadores representados por Eduardo Uram vestiam a camisa rubro-negra. O time não venceu o campeonato, mas pouca coisa mudou... Seis meses depois, mais precisamente em 26 de julho, no Maracanã, o Flamengo vence o Vasco e conquista a Copa do Brasil com cinco atletas ligados ao empresário. Quer mais? Parque Antarctica, 8 de outubro, Campeonato Brasileiro: o Palmeiras derrota o clube carioca, escalado pelo técnico Ney Franco com quatro jogadores de Uram, além de outros dois que ficaram no banco de reservas.

O carioca Eduardo Uram — ou "Sombra", para os íntimos — não gosta de falar, evita ser fotografado e dar entrevistas, mas tem as portas do Flamengo abertas para ele. Vários dos mais de 150 jogadores que agencia (segundo seu site, o www.brazilsoccer.com.br) atuam (ou atuaram ou vão atuar...) pelo rubro-negro.

"Não existe no futebol de hoje negócio sem empresário. São raros. Desde que estou aqui, no Flamengo, o Eduardo Uram foi de muita correção. Não tenho nenhuma queixa. Ele tem, sim, a procuração de vários jogadores, mas é o trabalho dele. Em nada prejudica o Flamengo", afirma Kleber Leite, vice-presidente de futebol do Flamengo.

Se Eduardo Uram, hoje com 48 anos, fosse, digamos, mais comunicativo, talvez não causasse tamanha sensação de desconforto na comunidade do futebol, principalmente entre os mais tradicionais rubro-negros. Ex-vendedor de jóias e relógios, ele descobriu o lucrativo filão do futebol, montou a empresa Brasil Soccer Sports, em 1998, soube se articular, ganhou a confiança dos jogadores e criou uma teia inacreditável em todo o país.

No mercado internacional, tem boa penetração em Portugal, Espanha, Bélgica, Holanda e Turquia. Eduardo Uram é Agente Fifa, reconhecido pela patroa do futebol mundial, mas insiste em dar uma desnecessária atmosfera de mistério aos seus negócios e à própria figura pessoal.

Qualquer manual de uso da imagem mostra que essa não é a estratégia mais acertada. "Ele tem mais é que se esconder mesmo. Tem mais de 20 jogadores no Flamengo e o time continua ruim. Ele só tem jogadores de segunda", detona um funcionário do departamento de futebol do Flamengo que pediu para não ser identificado.

Até treinadores, mesmo que involuntariamente, Eduardo Uram já derrubou no Flamengo. Ano passado, Cuca queria trazer Jefferson Feijão para o clube. Convenceu a diretoria. No dia da chegada do atacante, ninguém foi buscá-lo no aeroporto. O atual técnico do Botafogo cobrou. Ninguém se mexeu. Até que Cuca não se conteve. "Se fosse jogador do Uram vocês já teriam ido lá buscar." Foi demitido.

Eduardo Uram tem mesmo um ótimo relacionamento no Flamengo. Como já teve no Fluminense, onde se tornou "persona non grata" após levar Diego Souza e Juan para a Gávea. No Botafogo, ele também não é querido. O presidente Bebeto de Freitas evita empresários. No Vasco, por motivos mais do que conhecidos, é complicado estabelecer um diálogo com Eurico Miranda. "Eu gosto de trabalhar com atletas em formação. Sou sério, ninguém tem nada a falar contra mim", disse Uram à Placar no ano passado, quando ainda falava com jornalistas.

UMA MÃO LAVA A OUTRA

Só no Flamengo, Uram tem mais de 20 jogadores *(veja o quadro ao lado)*. Por sinal, todos os cinco goleiros profissionais do clube são representados por ele, inclusive Wilson, emprestado à Portuguesa do Rio. São profissionais, juniores e juvenis, a partir de 16 anos, sob os cuidados do empresário.

O resultado é que Uram passou a ser lembrado pelos torcedores flameguistas sobretudo nos momentos de crise. Já até pintaram a inscrição "Clube de Regatas Uram" nos muros da Gávea após a derrota para o Internacional no atual Campeonato Brasileiro.

"Um clube, quando quer um jogador, faz qualquer coisa para conseguir." Uram também comentou isso na entrevista à Placar no ano passado. E foi essa a principal razão para ele ter fincado suas estacas no Flamengo. Endividado, sem muito crédito na praça e com os cofres vazios para investir, nada mais fácil do que estabelecer uma parceria com Uram, um empresário com mais de 150 jogadores e com olheiros espalhados em todos os estados do país. É uma troca. O Flamengo se reforça com os "uranianos" e o procurador valoriza suas jóias com o peso que uma passagem pelo Flamengo representa. "Não sei por que falam tanto do Uram. Ele é como um pai para todos os jogadores", afirma o lateral-direito Leonardo Moura, um dos "filhos" de Uram e que já peregrinou por clubes da Holanda, Bélgica, Portugal e Turquia pelas mãos do procurador.

Veja só como efetivamente uma mão lava a outra. Os exemplos são muitos. Ano passado, o Flamengo queria um volante. Diego Souza estava encostado no Benfica e Uram convenceu os portugueses a liberá-lo. O clube precisava de um centroavante. Ligação para o empresário e veio Obina. Lateral-esquerdo? Uram nem se incomodou de tirar Juan do Fluminense e mandá-lo para a Gávea. Diego falhava no gol? Os conselheiros começaram a cornetá-lo? O procurador resolveu. Bruno mal acaba de chegar ao Corinthians e teve que arrumar suas malas para vir para o Rio. Tudo ação de Uram. Ele traz, mas também tira. Ibson foi para o Porto numa negociação conduzida por ele. E Jônatas, atleta do procurador, acabou no Espanyol, justamente quando começava a cair nas graças do torcedor após uma convocação para a seleção brasileira.

"Olha, eu não tenho nada contra ele. Apenas não gosto. E, quando ele entra na sala do departamento de futebol, eu saio. Não quero muito papinho", desabafa outro funcionário rubro-negro. É uma corrente. Uram ajuda, traz jogadores, auxilia o clube, mas cria relacionamentos e ganha novos clientes.

OS FILHOS PRÓDIGOS

O primeiro atleta rubro-negro "uraniano", o goleiro reserva Getúlio Vargas, começou o boca-boca e... bingo! Outros se interessaram e ligaram para ele, que também procurou por alguns... E assim foi feita a família.

Mas foi cuidando dos contratos de Leonardo Moura que Uram descobriu o quanto era lucrativo ser empresário de futebol. Hoje, está rico. Tem um escritório luxuoso na Barra da Tijuca, onde, logo na entrada, se destaca uma espécie de "arara", onde estão penduradas dezenas de camisas cedidas pelos seus jogadores. "O Uram é um parceiro. E não é certo dizer que só fazemos negócios com ele. Os jogadores do Ipatinga que trouxemos não vieram com ele. Ramirez e Peralta também não...", lembra Kleber Leite.

Certo, Kleber. Mas, com ou sem exemplos diferenciados, já são mais de 20 rubro-negros (incluídos juvenis) sob os cuidados de Eduardo Uram. E o nome do empresário acaba por se misturar ao do clube. Inclusive na cabeça dos torcedores...

Uram assistia à derrota do Flamengo para o Inter num sábado à noite, em setembro. Alguém o reconheceu, sentado nas cadeiras especiais. Houve uma movimentação. Alguns gritos, vaias e ofensas. Uram gelou. Sorte sua que seu segurança, que também já trabalhou para o Flamengo, avisou-o com rapidez: "Eduardo, pouca gente te conhece. Fica sentado".

Assim foi feito. E Uram saiu ileso. Mas ficou ainda mais ressabiado e com receio de se exibir por aí. Prefere o anonimato e manter-se na sombra. Longe dos holofotes, ele sempre se deu bem. ✪

OS URANIANOS

Estes são só alguns dos atletas rubro-negros agenciados por Uram

PROFISSIONAIS

BRUNO (GOLEIRO) · DIEGO (GOLEIRO) · GETÚLIO VARGAS

LEONARDO MOURA · JUAN · OBINA

JUNIORES

VINÍCIUS PACHECO · FELLYPE GABRIEL

RECENTEMENTE NEGOCIADOS

IBSON · DIEGO SOUZA · JÔNATAS

QUESTÃO DE DNA

Filho de goleiro, palmeirense desde criança, fã de Velloso e Marcos. **Diego Cavalieri** chegou aonde sempre sonhou: debaixo das traves do Palestra Itália

O dia 12 de junho de 1993 amanheceu frio e cinzento em São Paulo. Era um sábado, Dia dos Namorados, mas isso ainda não preocupava o palmeirense Diego, de 11 anos. Naquele dia, ele e os amigos do Jardim Clímax e do Parque Bristol, bairros da zona sul de São Paulo, tinham uma só obrigação: ir ao Morumbi para assistir à final do Campeonato Paulista, entre Palmeiras e Corinthians.

Diego e os amigos sentaram-se nas arquibancadas quase atrás do gol em que Zinho, aos 37 minutos, fez 1 x 0 para o Palmeiras e abriu caminho para a vitória por 4 x 0 entre tempo normal e prorrogação, pondo fim ao período de 16 anos sem títulos do Palmeiras. “Nasci em 1982 e aquele foi o primeiro título que eu vi do Palmeiras. Nunca vou me esquecer do Morumbi lotado e da festa da torcida”, recorda Diego Cavalieri.

Treze anos se passaram e Diego voltou ao Morumbi, desta vez num ensolarado domingo, 16 de julho de 2006. Novamente para um Palmeiras x Corinthians que mudaria sua vida. O Diego torcedor de 1993 já era Diego Cavalieri, goleiro reserva do Palmeiras. Ainda no início do primeiro tempo, o pentacampeão Marcos, que fazia o segundo jogo após uma ausência de quase seis meses por contusão, ➲

fez uma defesa corajosa, nos pés do corintiano Rafael Moura. O arrojo custou caro a Marcos, que saiu com o ombro esquerdo machucado. Aos 12 minutos, Diego entrou. Ajudou o Palmeiras a vencer por 1 x 0 e não saiu mais do time. “Sei que existe uma coincidência grande pelo fato de eu ter entrado no time contra o Corinthians, porque o Marcos também entrou num clássico em 1999”, afirma Diego. E não é a única coincidência. Assim como Marcos, Diego parece ter chegado para ficar. “O Marcão sempre brincava e falava pro Sérgio que quando eu entrasse eles disputariam para ver quem ia ficar no banco”, diz, rindo.

Ser goleiro está no sangue de Diego. “Comecei jogando na rua e sempre ia para o gol. Quando eu ia ver meu pai jogar, ele também jogava no gol, acho que tudo começou assim.” O pai de Diego, Antônio Carlos, foi goleiro profissional: jogou no Santo André, nos anos 80. “Ele que me conta, porque eu era pequeno e não lembro. Mas meu pai precisou parar quando meu avô morreu, pra cuidar do sustento da família”, diz. “Quando eu tinha 11 anos, fui fazer uma peneira no Palmeiras. Passei no primeiro teste e fui treinar no CT, com o Carlos Pracidelli *[ex-preparador de goleiros do clube]*”.

Naquela época, Diego, bom palmeirense, era fã de Velloso, o titular do time. “Eu também gostava do Zetti e do Taffarel.” Mesmo tendo passado pela peneira, Diego não se via goleiro do Palmeiras. “Sou palmeirense, estava treinando no Palmeiras e as coisas foram acontecendo”, diz o camisa 1, com a tranqüilidade que sempre o marcou dentro e fora de campo. “Ele é um garoto muito bom, tímido, que fica na dele. Está sempre concentrado”, afirma o preparador de goleiros do clube, Jorge Azevedo.

Quando não está trabalhando, Diego tem uma rotina que atesta essa tranqüilidade. “Gosto de ficar em casa, com a minha namorada, a Daniela. E também vou visitar a minha avó.” Seja ao lado de Daniela, seja ao lado da avó, Alice, Diego está quase sempre escutando música sertaneja ou pagode, seus gêneros favoritos. Sua personalidade o ajuda a ter um ótimo relacionamento com o elenco do Palmeiras. Mas é entre os goleiros que ele se sente em casa. “O ambiente entre o Diego, o Marcos, o Sérgio e o Bruno é fraternal. Em tantos anos de futebol, nunca vi nada parecido com a convivência que eles têm”, afirma Azevedo. “Brinco com o Sergião que eu ainda era criança e já torcia pra ele. Sempre que estamos concentrados eu falo pra ele da final de 1993”, diz Diego.

ATRÁS DA BOLA
Diego segue de perto a Bola de Prata da Placar. “Eu soube que estava liderando a Bola de Ouro, mas me ultrapassaram. Sigo na frente da Bola de Prata, e vai ser muito gostoso se eu for premiado, principalmente porque eu quero muito ajudar o Palmeiras a terminar bem o Brasileiro. Fora isso, é minha primeira temporada com muitos jogos no profissional”, diz.

Já Marcos, além de ídolo, é amigo e conselheiro. “Depois do jogo contra o Corinthians em que se machucou, ele ficou me esperando sair do exame antidoping e me deu um abraço. Ele estava chateado, nem conseguia se mexer direito, mas veio me dar um abraço”, afirma. Marcos foi fundamental para convencer Diego a renovar contrato com o Palmeiras até 2009. “Falam que havia interesse do São Paulo, mas nunca falei com outro clube. O Marcão me falou que era importante renovar.” Diego vê em Marcos o maior goleiro da história do Palmeiras: “Foi o grande responsável pela conquista do maior título do clube, a Libertadores”. Brincalhão, Marcos acha Diego outra prova de que o Palmeiras é uma fábrica de bons goleiros. “Com ele, o Bruno e o Deola *[emprestado para o Guarani]*, o Palmeiras tem goleiro pra mais 100 anos. Isso se o mundo durar até lá”, diz, brincando.

Após passagens pelas seleções sub-17, sub-21 e pré-olímpica, e hoje titular do Palmeiras, Diego poderia almejar uma convocação para a seleção principal do Brasil. Só poderia: “Existem goleiros que estão jogando há mais tempo, muita gente boa que está na minha frente”.

O QUE FALAM DELE

“O Diego é muito bom. Eu falava em Portugal: se querem um goleiro, procurem o terceiro do Palmeiras, que vai ser dos melhores do Brasil”

“O único conselho que eu daria a ele é perder o medo de sair do gol. Os atacantes estão cabeceando na área pequena. Ele é alto e pode sair pra dar um soco ou segurar. Mas ele está muito bem, principalmente nas bolas rasteiras, que são as mais difíceis”

“Ele tem tudo que um grande goleiro precisa ter: muito autocontrole. Goleiro bom é aquele em que o time, a torcida e a imprensa confiam”

Tímido, o novo ídolo palmeirense não gosta de falar de si. Mas se acha um trabalhador dedicado, cujas principais qualidades são tranqüilidade e concentração. “Tecnicamente, preciso corrigir coisas como a reposição de bola e a saída de gol”, diz. Vontade não lhe falta. “Tenho essa mania de perfeição, de treinar cada vez mais, e o Diego assimilou isso muito bem”, afirma o preparador Jorge Azevedo. Para quem, contudo, Diego “é um goleiro praticamente perfeito” no que diz respeito aos fundamentos.

Mas e quando Marcos puder voltar? “O Marcos é um dos maiores goleiros do Brasil e, se o Marcelo *[Villar]* optar pela volta dele, não haverá problema para o Diego, que entrou numa emergência e mostrou sua qualidade”, diz Azevedo. Diego, fã e amigo de Marcos, também não vê problema em voltar à reserva. Mas se o próprio Marcos acha que disputará com Sérgio uma vaguinha no banco... ✪

ACADEMIA DE GOLEIROS

BASTA OLHAR OS 92 ANOS DE HISTÓRIA DO PALMEIRAS: O SURGIMENTO DE DIEGO CAVALIERI NÃO É UMA SURPRESA

NASCIMENTO
1929-34
Tinha menos de 1,80 m e o nome apropriado para iniciar a fila de heróis palmeirenses da pequena área. Líder da conquista do bicampeonato em 1932-33 pelo Palestra Itália, na implantação do profissionalismo no futebol brasileiro.

AYMORÉ MOREIRA
1934-35
Mais conhecido por ser o técnico campeão mundial com a Seleção Brasileira em 1962, mas também muito importante como goleiro na conquista do tricampeonato paulista do Palmeiras, em 1934.

OBERDAN CATTANI
1941-54
Titular de 1941 até 1950. Estava em campo no dia 20 de setembro de 1942, quando o Palestra Itália, por causa das pressões pela Segunda Guerra Mundial, fez seu primeiro jogo como Palmeiras, vencendo o São Paulo por 3 x 1 e sagrando-se campeão paulista.

FÁBIO CRIPPA
1951-56
No fim da carreira de Oberdan, o bom goleiro, que antes teve poucas chances no clube, viveu sua glória: foi titular na conquista da Copa Rio de 1951, torneio que o Palmeiras ainda busca reconhecer na Fifa como um Mundial.

VALDIR DE MORAIS
1958-68
Com uma elasticidade incrível, foi o goleiro da Primeira Academia, única equipe que, sob o comando do divino Ademir da Guia, ousou parar o Santos de Pelé nos anos 60. Mais tarde, trabalhou no clube como preparador de goleiros — praticamente inventou a função por aqui.

EMERSON LEÃO
1969-78 e 1984-86
Muito técnico e com forte temperamento, impôs-se como titular do Palmeiras e da seleção a partir de 1969. Foi peça fundamental da Segunda Academia, que ganhou tudo no Brasil no início dos anos 70. Ficou no clube até 1978 e voltou ainda durante o jejum de títulos, entre 1984 e 86.

ZETTI 1987-89 e **VELLOSO** 1988-91 e 1993-99
Ambos surgiram no clube sob o comando de Valdir de Morais, durante a “década perdida” de jejum de títulos. Na gloriosa década de 90, Velloso esteve presente. Outros bons goleiros que passaram pelo clube no período do jejum foram Gilmar e João Marcos.

SÉRGIO
1992-95 e desde 1999
Era titular do time no fim do jejum de títulos, durante as conquistas do Paulista e do Brasileiro de 1993. Segue no clube até hoje e apesar de reserva é muito respeitado pela torcida.

MARCOS
Desde 1992
Eleito melhor jogador da final da Libertadores ganha pelo Palmeiras, virou um mito da história do clube. Em 2002, foi decisivo para a conquista da Copa do Mundo pelo Brasil. Certa vez, disse a Sérgio: “Quando o Diego entrar, a gente não joga nunca mais!”

Ele tem razão, porque foi o primeiro a jogar essa semente. Mas, se não deu certo no Flamengo, ele fez o CFZ. Hoje tem outros jogadores que atuaram na Europa, adquiriram experiência e estão voltando ao Brasil. Alguns vão virar treinadores, outros vão entrar nessa área de gerência esportiva. Aí, eu acho que as coisas podem mudar. Serão profissionais. É o caminho para mudar o futebol brasileiro.

É, por como as pessoas vêem o futebol, principalmente o que a mídia passa. Isso influencia as pessoas. A mídia alemã estava satisfeita, e isso passa para o povo. São formadores de opinião.

O crítico tem que saber de futebol e não pode passar do limite de dizer "está bem" ou "está mal" no jogo. Mas no Brasil as pessoas passam disso, vão além. Por exemplo: você não pode nunca dizer "esse cara não pode jogar na seleção!" Se você está lá é por mérito, pô! Lá fora, as pessoas não falam isso.

É, aquilo ultrapassou o "está mal" ou "está bem". E eu fui falar com ele. Mas não é só ele. Em geral, a mídia no Brasil é assim. São poucos os que conseguem não passar do limite do campo.

Eu fiz o que eu achei que devia fazer, porque achei que era o momento. Espero que não tenha me prejudicado, porque se você falar que aconteceu isso, aí nós não estamos falando de seleção brasileira. Se foi isso, a gente pode parar com tudo.

Eu não fui, fiquei chateado, mas vai fazer o quê? Só discordo que eles são vistos de maneira diferente. A Copa não pode mudar a forma de a gente olhar para um Cafu ou um Roberto Carlos.

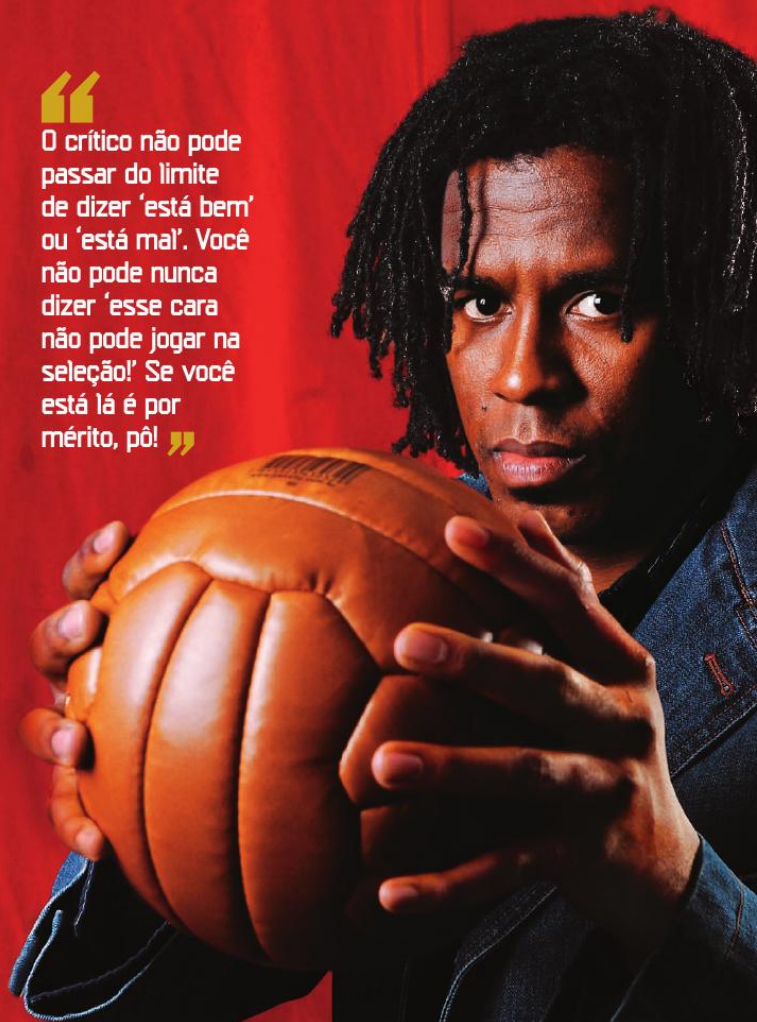
É. Mas por quem é feita essa ironia? No Brasil é assim. O Brasil não perdeu naquele lance do Roberto Carlos. Perdeu por uma série de coisas.

Não. Eu só não entendi minha não convocação. Ele tem a opinião dele e eu tenho a minha. Mas mágoa, particularmente, não.

Não por "vários jogos"... eu fui em quase todos! Fica esse meu questionamento, por eu ter participado de todas as Eliminatórias, jogando 14 de 18 jogos, a Copa das Confederações...

Não tem "torcer mais". Torci pelo Felipão e pelo Brasil. Sou brasileiro, e eles não se enfrentaram *[risos]*... Torci muito pelo Felipão, pela nossa relação e por achá-lo espetacular... *[Acaz Fellegger, assessor de Roque, chega com o telefone que tocara segundos antes, pede licença e entrega ao jogador. É Felipão. "Você não morre mais", diz o zagueiro, começando um diálogo em que explica detalhes da sua lesão — Roque deve voltar aos campos na Alemanha em dezembro.]*

É, não penso em voltar. Pretendo ficar no Bayer. Se não for, na Europa *[Roque tem 30 anos e seu contrato acaba em 2007]*.

Não penso em voltar. Tenho uma relação muito boa com o São Paulo. E tive com o Palmeiras, porque joguei lá. Mas, até pelo momento, por nunca ter jogado no São Paulo e eles sempre terem aberto as portas pra mim... Não apenas no meu caso, mas nos de todos os jogadores que vêm se tratar no Reffis, acho que tem um percentual para que o cara decida jogar no São Paulo. Mas deixo claro: nem penso em voltar ao Brasil.

A recepção me surpreendeu. Eles me receberam muito bem e demonstraram grande expectativa, o que significa que a cobrança e a pressão serão maiores. Por sorte, nesses primeiros jogos eu tenho me saído bem, fiz até gols. Mas, em um time grande, dar conta do recado é ser campeão.

Não. Talvez porque o clube esteja dando uma estrutura importante. Minha mulher está grávida e desde que desci do avião já havia ginecologistas, pediatras e hospitais à disposição. É óbvio que alguns costumes e o próprio idioma vão requerer algum tempo de adaptação. Mas é normal.

Sinto saudades de ir ao CT e encontrar aquele ambiente de trabalho maravilhoso. Também sinto falta de nossos passeios pela cidade, que já conhecíamos bem, e dos encontros com outras famílias uruguaias, com quem a gente sempre combinava um churrasquinho e matávamos as saudades.

É uma história engraçada. Quando o vice-presidente do clube foi me contratar, conversávamos no Morumbi e meu filho estava lá. Ele entendeu do que se tratava e falou que não queria deixar o Brasil. Aí o pessoal viu o Nico jogando e percebeu que ele tinha habilidade. Lógico que o Nico gostou da idéia, mas impôs a condição de que eu teria de estar nos vestiários depois do jogo, além de oferecer balas e chocolates. Foi uma brincadeira para agradá-lo, mas que parou no site do Fenerbahçe e, depois, no mundo todo.

Ficou tristeza, pois com o título essa geração se igualaria à de 1992-93. Aquela foi uma semana negra, onde tudo deu errado dentro e fora de campo *[Bruno e Weverson, goleiros reservas, sofreram acidente automobilístico; o primeiro pode ficar tetraplégico e o segundo morreu]*. Faltou tranqüilidade.

É diferente, porque ele é mais que um técnico, é um ídolo para qualquer jogador. O que ele fala é especialmente escutado. Acho que ele conhecia bem meu futebol pelo que eu fiz no Brasil *[Zico pediu a contratação de Lugano]*. E o fato de o técnico ser brasileiro é bom porque não muda o estilo de jogo e treino que eu tinha. A comunicação também fica mais fácil, já que chegar à Turquia e receber instruções técnicas e táticas em português é muita sorte!

Na verdade, somos oito brasileiros aqui: Alex, Deivid, Edu Dracena, Marco Aurélio, Zico, Edu (irmão do Zico), Moracy Santana e eu, lógico! Ficou fácil para mim. Depois de três anos e meio no Brasil, sou mais um deles. Falamos do Brasileirão, de política e tudo o que acontece no país.

Eu não chorei. Mas foi um sentimento fortíssimo, pois eu sabia que estava deixando a melhor etapa da minha vida futebolística. Me sentia identificado demais com clube, torcida e elenco. Mas a decisão de vir jogar na Europa foi 100% profissional, e nessas horas o sentimento fica de lado. Sempre vou levar o São Paulo no coração e é lógico que no futuro eu gostaria de voltar. Mas isso depende do São Paulo.

Acompanho todo jogo, lógico. Pela internet acompanho até o treino, e às vezes ligo para o pessoal para perguntar como estão as coisas. Estou torcendo muito por eles, porque o elenco e a comissão técnica merecem esse título. Assisto aos jogos pela Globo Internacional. E o canal de futebol turco passa um jogo de cada rodada do Brasileirão.

O time do São Paulo é uma máquina perfeita, que funciona quase sozinha. Nenhum jogador ou técnico é imprescindível. Os resultados estão comprovando com clareza que o clube tem jogadores de sobra para minha função.

“Somos oito brasileiros aqui. Depois de três anos e meio no Brasil, sou mais um. Falamos do Brasileirão, de política e tudo o que acontece no país”

8ª Chuteira de Ouro

PLACAR PREMIA O MAIOR ARTILHEIRO DO BRASIL

É a edição mais maluca da Chuteira de Ouro desde que o prêmio foi criado pela Placar há oito anos. Depois de um início arrasador, parecia que o ano seria do corintiano Nilmar. A contusão e a conseqüente cirurgia no joelho abriram o caminho para seus concorrentes fazerem a festa. O pequeno Carlinhos Bala até aproveitou a chance e avançou na classificação da Chuteira. Só que faltou bala para o Carlinhos e o atacante foi para o banco de reservas do Cruzeiro. Seu último gol aconteceu faz tempo, em um longínquo 13 de agosto, na derrota cruzeirense para o Fluminense. E, fora Carlinhos, ninguém da Série A se candidatou ao prêmio. Tuta, do Fluminense, até se insinuou, mas não deu em nada. Rinaldo, do Fortaleza, ciscou e parou. A inapetência dos goleadores brasileiros em 2006 é um fato notável.

Pela primeira vez nas oito edições do prêmio o vencedor do ano pode vir da Série B. São pelo menos quatro candidatos que mostram mais apetite que o atual líder. Edmílson (Guarani), Marinho (Atlético-MG), Netinho (Náutico) e Fumagalli (Sport) têm jogado e feito seus golzinhos. Edmílson está na frente, só que seu Guarani não ajuda. Marinho é diferente, veste a camisa de um animadíssimo Atlético-MG. Ele passou por certo jejum, ofuscado pelos gols de Roni, só que voltou a marcar na vitória sobre o Avaí em 21 de outubro. Terá acordado? Mais uma preocupação para a torcida cruzeirense, que além de assistir à ascensão do rival pode ver seu atacante Carlinhos Bala morrer na praia.

★ Chuteira de Ouro 2006

Nem Zico, nem Falcão, nem ninguém. Nas 37 edições da Bola de Prata, não houve um vencedor do maior prêmio do futebol brasileiro com menos de 20 anos. Pois 2006 pode revelar um recordista. Lucas Pezzini Leiva, o volante de sangue azul do Grêmio, acaba de assumir a liderança da Bola de Ouro. Lucas está com 19 anos e seu próximo aniversário só acontece em 9 de janeiro. Se seguir jogando muito, o gremista se tornará o mais jovem vencedor do prêmio da Placar. Deixará para trás Kaká (2002), Robinho (2004) e Amoroso (1994). Os três conseguiram a façanha de ser Bola de Ouro com 20 anos.

É verdade que o trabalho de Lucas é favorecido pelo esquema de jogo gremista. Com cinco jogadores em um meio-campo pegador, o volante tem liberdade para aparecer na frente e até fazer seus golzinhos. A concorrência, porém, não dá folgas. Fernandão é o destaque de um Inter campeão da Libertadores que, ao contrário do que se pensava, não desistiu do Brasileirão. Lesões musculares atrapalharam a vida do atacante colorado, e foi justamente nesse descuido que Lucas tomou a dianteira. Outro pretendente ao ouro é o goleiro palmeirense Diego Cavalieri. Seu problema é que o time não vem colaborando.

Quem apareceu trombando e atropelando no prêmio foi o atacante Aloísio Chulapa. Com gols, assistências e uma disposição fora do comum, o centroavante do São Paulo recuperou-se de suas lesões e conseguiu o número mínimo de jogos para aparecer na classificação.

Tudo ainda pode mudar, menos o tamanho da festa. A Bola de Prata terá mais uma vez a sua entrega acontecendo no programa *Terceiro Tempo*, da TV Record, no domingo 10 de dezembro, às 23 horas. E por isso, a partir de agora, deixaremos em suspense as últimas notas da Bola de Prata. Assim como no Oscar, vencedores e perdedores vão para a festa no escuro. Que vença o melhor.

tabelão 2006
Brasileirão Série B
Brasileirão Série B
Brasileirão Série B
Brasileirão Série B

Brasileirão

DESTAQUES DA RODADA

DESTAQUES DA RODADA

DESTAQUES DA RODADA

DESTAQUES DA RODADA

★ Goleiro

★ Lateral-direito

★ Zagueiros

★ Lateral-esquerdo

★ Volante

★ Meias

★ Pontas

★ Centroavante

★ Técnico

"Renato Gaúcho até hoje deixa saudades e Romário é um dos maiores matadores da história"